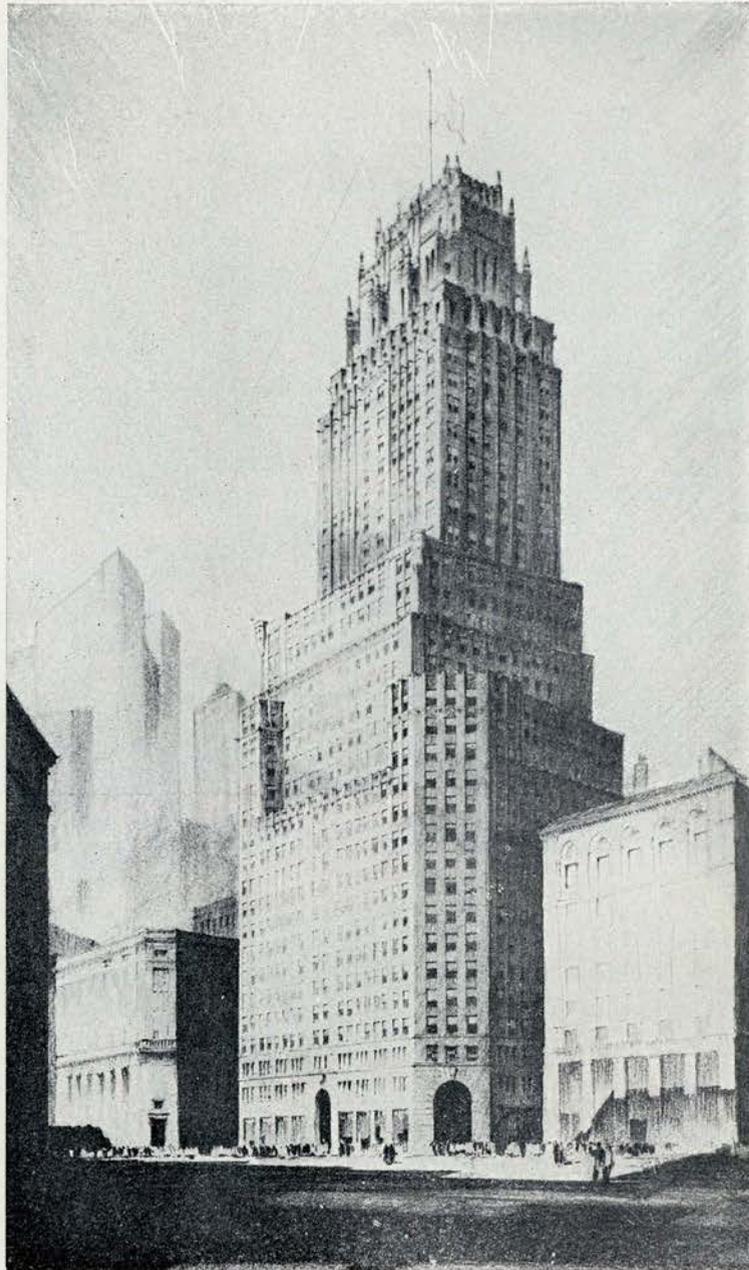
REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

PANORAMA

NUMERO 21 * ANO 3.º * 1944

Standard Electrica

(SOCIEDADE ANONIMA PORTUGUESA)

ASSOCIADA DA INTERNATIONAL TELEPHONE AND TELEGRAPH CORPORATION E CONCESSIONARIA DA INTERNATIONAL STANDARD ELECTRIC CORPORATION—NEW-YORK

EDIFÍCIO DA SEDE

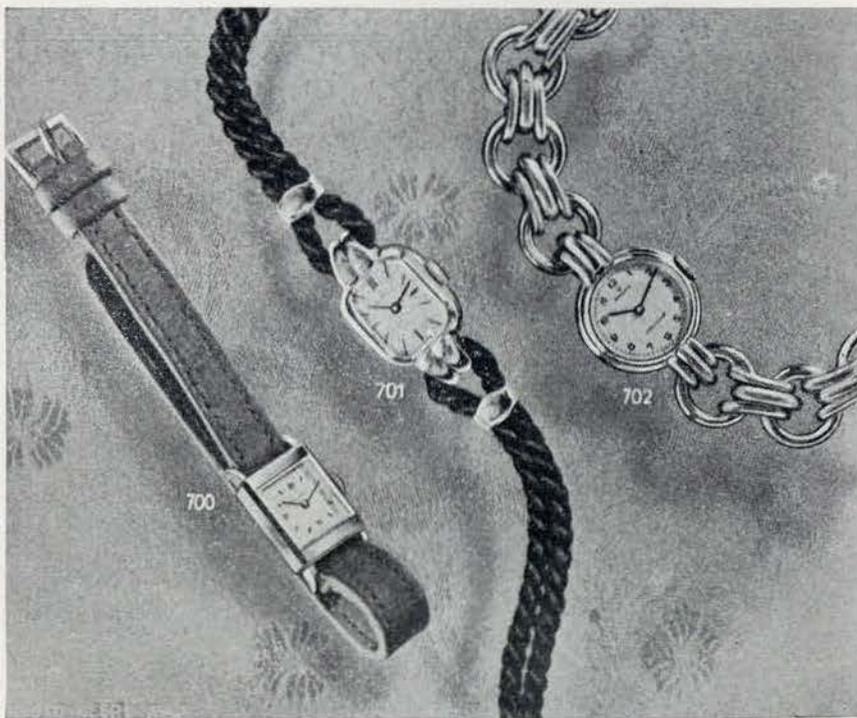
FORNECEDORA DAS RÊDES DE RADIOCOMUNICAÇÕES DAS COLÓNIAS DE ANGOLA, CABO VERDE E ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES

RUA AUGUSTA, 27, 2.º, D. / LISBOA / TELEFONES: 23111, 23112 e 23113

A Página da Beleza

VELASQUEZ

As Meninas

Este fragmento de uma das mais belas obras do grande mestre espanhol representa a Infanta Margarida-Maria e a sua côrte no «atelier» do pintor, que se vê no segundo plano, defronte da sua tela, com a paleta na mão. Esta obra prima data de 1656 e encontra-se no museu do Prado.

700 *Princesinha "Sport"*

Para a vida ao ar-livre. Seguro movimento com 17 rubis. Em ouro maciço 18 ct. e em aço «Stay-bright».

701 *Princesinha*

A mulher elegante usá-la-á com a sua «toilette» de passeio. Movimento com 18 rubis. Caixa em ouro rosa, maciço, com duplo cordão de seda.

702 *Princesinha Real*

Esta bela criação, inteiramente em ouro rosa, 18 ct. salientará a elegância da vossa «toilette» de noite. Movimento «Precisão». Com pulseira de ouro, lisa no interior, muito cómoda e agradável.

"A Beleza ao serviço da Precisão"

ISOCHROM ★ ISOPAN ★ ISOCHROM ★ ISOPAN

Berlim S. O. 36 — ALEMANHA

POUSADA DE SANTA LUZIA • ELVAS

A Pousada de Santa Luzia, confortável e hospitaleira, fica na estrada de Lisboa a Elvas, a 200 m. desta cidade, a 8 kms. de Caia e a 228 kms. de Lisboa. Por escrito ou pelo telefone (Elvas, 19) pode mandar reservar um quarto ou avisar da sua chegada para um delicioso fim-de-semana.

LEITE CONDENSADO "NESTLÉ"

DE ALTO VALOR NUTRITIVO, RICO EM VITAMINAS E MAIS DIGESTIVO QUE O LEITE FRESCO

SOCIEDADE DE PRODUTOS LÁCTEOS

AVANCA-PORTUGAL

As duas estrêlas que o público mais aprecia.

No Teatro: Beatriz Costa

★

Em trabalhos fotográficos:

J. C. ALVAREZ L.DA

TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA

205, RUA AUGUSTA, 207 · LISBOA

Aqui se aconselha...

O candeeiro eléctrico, pela sua necessidade de uso, toma obrigatòriamente parte no conjunto duma casa. Assim, ao comprá-lo, escôlha um que constitua um motivo valioso de decoração. Antes de se decidir por qualquer, visite a FÁBRICA DE CANDEEIROS ELÉCTRICOS, COSTA & MORAIS, LDA., na Rua Serpa Pinto, 1, Lisboa, onde encontrará lindos candeeiros de cristal, ferro forjado, cromados, dourados e *abat-jours* de modelos modernos para todos os géneros.

CUIDE da sua bôca! Mas considere que só um dentífrico cientìficamente preparado — como o SANOGYL — exerce uma eficaz acção desinfectante, sem prejudicar o esmalte dos dentes. Usar SANOGYL é uma necessidade. Adquira imediatamente um tubo e verifique os resultados! Estamos certos de que obterá os melhores, e passará a usar sempre a pasta SANOGYL.

ENTRE as casas que em Lisboa têm à venda a melhor e maior variedade de produtos de beleza, destaca-se a PERFUMARIA DA MODA, na Rua do Carmo, 5 e 7. Confirmam o que dizemos as numerosas senhoras de bom gôsto que preferem fazer ali as suas compras dos PRODUTOS HARLÉSS, de que aquela perfumaria é depositária. HARLÉSS — são perfumarias de grande classe e, por isso, se explica a enorme procura que têm.

TUNGSRAM - KRYPTON é a lâmpada hoje preferida para faróis de automóvel. Dando mais luminosidade do que qualquer outra, dispende menos energia. Esta razão é suficiente para se aconselhar o seu uso. Não lhe parece? — Se quere poupar dinheiro, economizando a bateria do seu carro, faça, pois, a substituição das lâmpadas do seu automóvel pelas da marca *Tungsram-Krypton*. Com estas, ficam as noites claríssimas. Viajará com mais gôsto e maior tranqüilidade.

que leia, veja e compre

HELVETIA — VELOX — GRETA, são os nomes de três marcas de lâminas suíças para barbear. A magnífica qualidade do aço empregado no seu fabrico dá bastante duração a estas lâminas. Vendem-se de diferentes modelos para os diversos tipos de máquinas. Pedidos a Azevedo & Pessi, Lda., Rua Nova do Almada, 46, Lisboa, Telef. P. A. B. X. 2 9879.

QUEM pretenda fazer CAMPISMO deve apetrechar-se convenientemente, pelo menos com o indispensável. A casa VIEIRA CAMPOS, na rua da Prata, 215 e 217 (antiga Casa Figueiredo), em Lisboa, tem à venda quanto há de mais moderno para a prática dêste desporto, como sejam: tendas de todos os modelos para campismo fixo ou volante, sacos de campismo com armação, sacos de dormir, hamacs, baldes de lona, etc.

TOME nota desta firma e do seu endereço: GUEDES SILVA & GUEDES, LIMITADA — 32, Rua Eugénio dos Santos, 34, em Lisboa, telef.: 2 3746. Aqui, nesta casa da especialidade, encontram os interessados não só imensa variedade de FERRAGENS para a construção civil, em todos os estilos, como ainda enorme sortido de FERRAMENTAS. Guedes Silva & Guedes, Lda., aceitam também encomendas para CROMAGEM em todos os metais.

TABOT — *cabeleireiro visagiste* — faz sempre o penteado que requere cada tipo de rosto feminino. Só um cabeleireiro que reüna à sua competência a sensibilidade de artista, sabe realçar a beleza da mulher com o seu penteado próprio, criando um conjunto de linhas e de côres de contraste harmonioso. E *Tabot* sabe procurar o pentado adequado à expressão de beleza de cada mulher. TABOT, cabeleireiro *visagiste*, Rua do Ouro, 170, Lisboa. Telefone 2 2072.

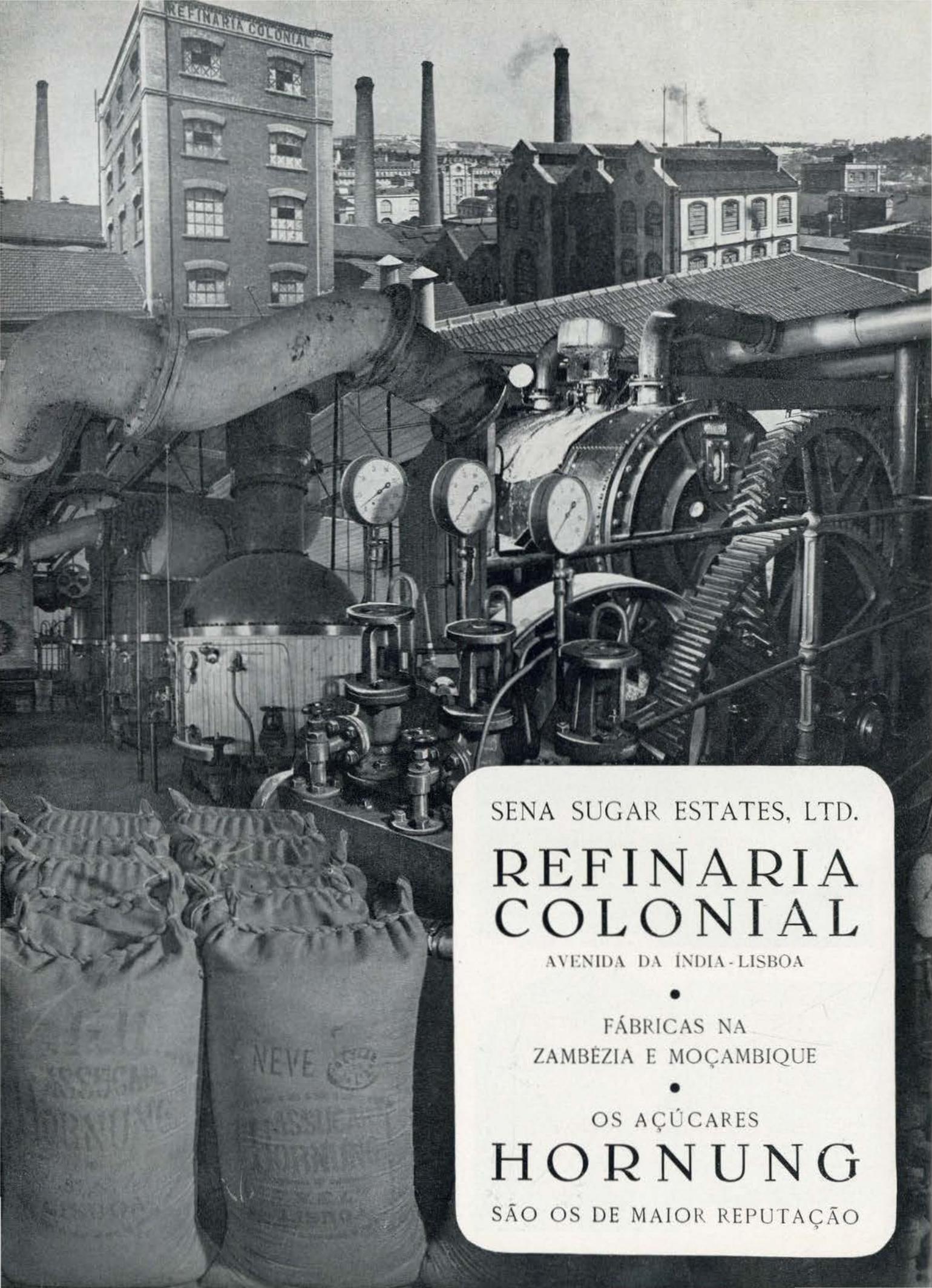
OS PRODUTOS

DE BELEZA

THO-RADIA

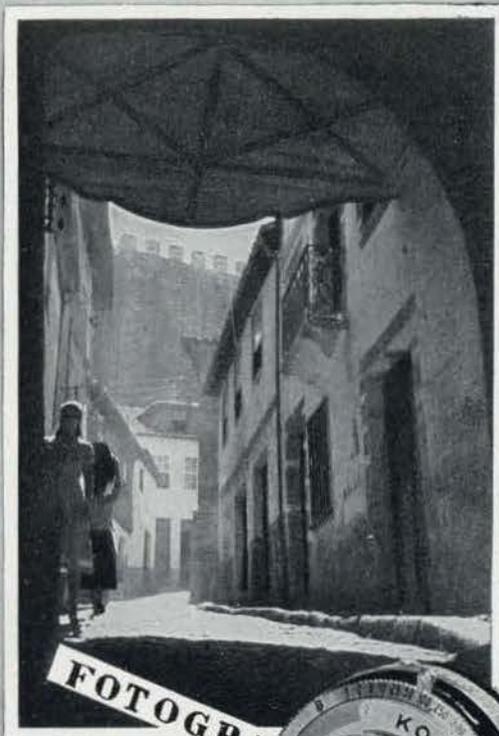
FAZEM PARTE DA

SUA TOILETTE

★

REFINARIA COLONIAL
NEVE
SENA SUGAR ESTATES, LTD.
REFINARIA
COLONIAL
AVENIDA DA ÍNDIA - LISBOA
FÁBRICAS NA
ZAMBÉZIA E MOÇAMBIQUE
OS AÇÚCARES
HORNUNG
SÃO OS DE MAIOR REPUTAÇÃO

PALADAR DELICADO
E AROMA DELICIOSO
SÃO OS PREDICADOS
QUE DISTINGUEM E
TORNAM PREFERIDO O

CHÁ CELESTE

MISTURA DE FINÍSSIMOS CHÁS CULTIVADOS E PREPARADOS
EM MILANGE — ÁFRICA ORIENTAL PORTUGUESA

FOTOGRAFE
COM MATERIAL
KODAK

APARELHOS
PAPEIS
CHAPAS
PELICULAS

Kodak

KODAK LIMITED
RUA GARRETT 33 LISBOA

Aqui se aconselha...

DESEJA decorar a sua casa, dar-lhe um ambiente moderno? Procura reclamar e apresentar com bom gôsto os produtos do seu comércio ou indústria? Aconselhe-se no ESTÚDIO DE ARTE «STOP», na Rua Nova da Trindade, 6-A, telef. 28498, Lisboa, que lhe indicará quadros modernos, objectos de arte em cobre, ferro forjado, madeira, etc., que lhe dará desenhos de rótulos, embalagens, montras, cartazes, e cuidará de litografias e da publicidade.

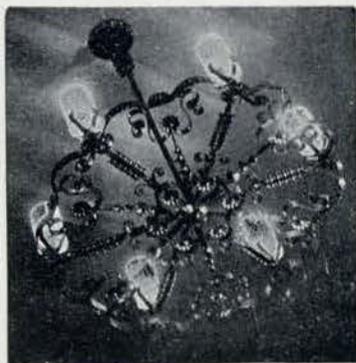
É sempre preocupação a escôlha de um brinde valioso que se deseja oferecer. Aqui o aconselhamos a que visite a OURIVESARIA CORREIA, na Rua do Ouro, 245-247 em Lisboa, onde pode escolher entre a enorme variedade de filigranas, pratas e jóias de fino gôsto, o brinde com que deseja presentear a pessoa da sua amizade. Variedade, qualidade, economia... — Veja primeiro as montras e entre. Verá que logo encontra o que deseja, a preços acessíveis.

SE vai adquirir um lustre em cristal da Boémia, vidro Murano, bronze ou ferro forjado, não se decida por qualquer, sem ver primeiro os que se vendem nos estabelecimentos de JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, LDA., na Rua do Ouro, 166 a 170, e na Rua da Vitória, 82 a 88, em Lisboa. Esta casa procede, ainda, a instalações frigoríficas, eléctricas e de iluminação, aquecimento, sanitárias, ventilação e refrigeração, etc.

JÁ experimentou alguma vez os produtos de beleza *Rainha da Húngria,* de MADAME CAMPOS? Os *Cremes* para de dia e para de noite, e o *Pó de Arroz Rainha da Húngria,* tão conhecidos e afamados, foram escrupulosamente estudados antes de serem lançados à venda. Assim, estes *Cremes* são cientìficamente preparados e a sua pureza é inexcedível; o *Pó de Arroz* é fino, aderente e invisível. Experimente os Produtos Mme CAMPOS

que leia, veja e compre

ESTA fotografia é de uma bonita jarra decorativa, da acreditada FÁBRICA DE CERÂMICA VIUVA LAMEGO, LDA., no largo do Intendente, 14 a 25, em Lisboa. Nesta fábrica, que foi fornecedora das Exposições Internacionais de Paris e de Nova York, executa-se enorme variedade de azulejos de padrão artístico (género antigo), louça regional, faianças artísticas, vasos de louça para decoração e ainda louça de barro vermelho, manilhas e outros acessórios.

MONDALCO, LDA., na Rua Nova do Almada, 51, em Lisboa, é um ESTABELECIMENTO FILATÉLICO recentemente inaugurado. Ali vê o filatelista em exposição e para venda enorme variedade de sêlos e um grande número de séries nacionais e estrangeiras, algumas de rara beleza. MONDALCO, LDA., merece uma visita, porque a forma como as séries estão expostas, deixa que o público as aprecie e faculta uma visão rápida das emissões mais recentes.

ESTÁ tratando da decoração da sua casa? Mesmo que não esteja... Ou talvez tenha necessidade de escolher um brinde de «bom gôsto», para oferecer a alguém de sua amizade. Aqui o aconselhamos que procure ver a enorme variedade de excelentes TRABALHOS EM FERRO FORJADO — como sejam: candeeiros, mesas, candelabros, cinzeiros, grades para interiores, etc. — fabricados e em exposição na CASA ESTEVES, na Rua das Amoreiras, 88, em Lisboa.

NOS resultados de uma produção de batata, influi em primeiro lugar a boa qualidade da semente que se pôs na terra. A batata para semente «Ackersegen», em Portugal mais conhecida sob as designações de BENÇÃO DO CAMPO e ALEGRIA DO LAVRADOR, reúne as qualidades que garantem os melhores benefícios, o máximo de vantagens para uma boa colheita. KURT PORST, LDA., Rua da Prata, 51, 2.º, Lisboa.

SÃO INCOMPARÁVEIS
OS MARAVILHOSOS
PRODUTOS DE BELEZA

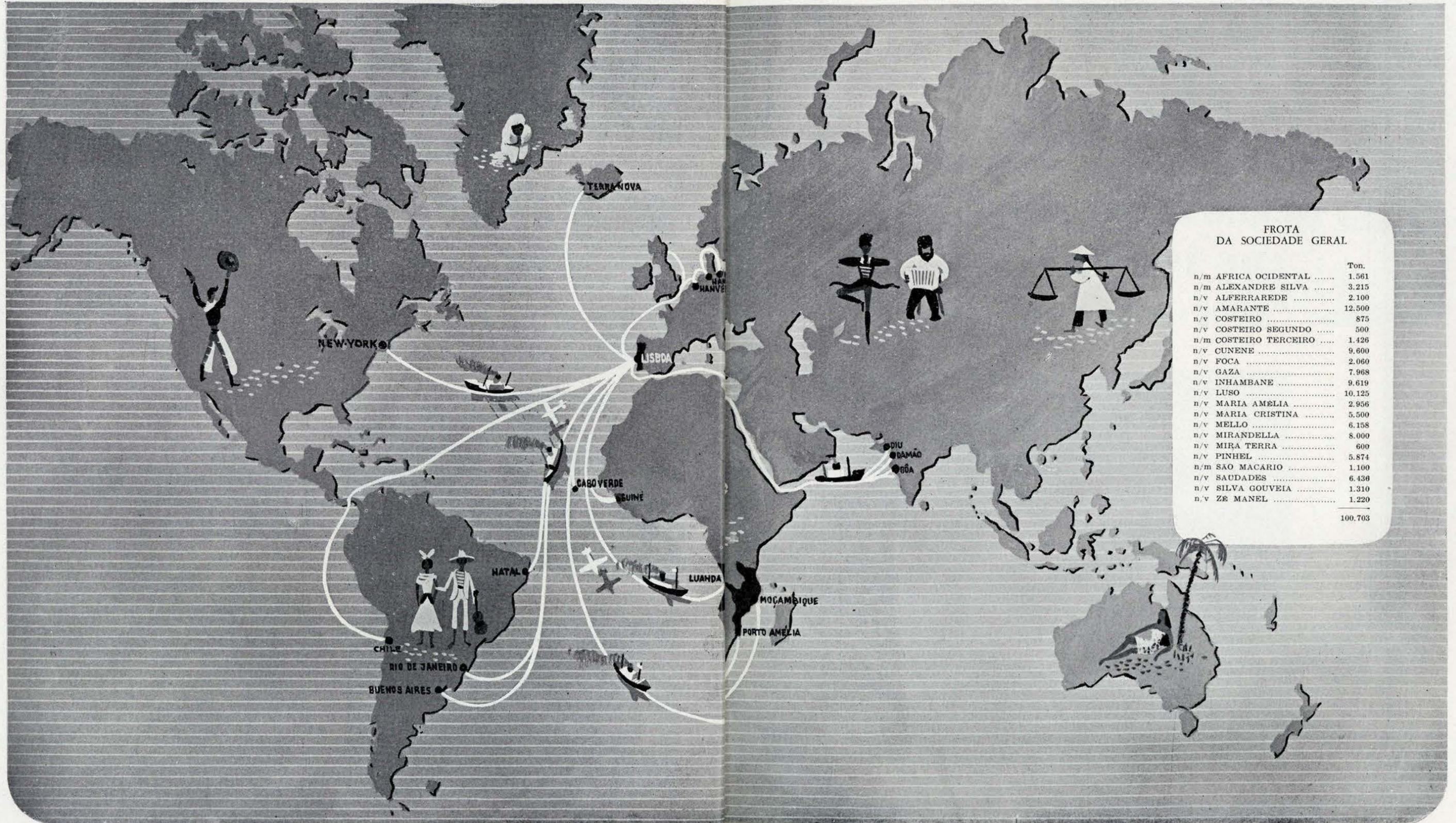
RAINHA DA HUNGRIA
RODAL & OLY
YILDIZIENNE
MYSTIC
e

Rosipor

M.me CAMPOS

DA ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA

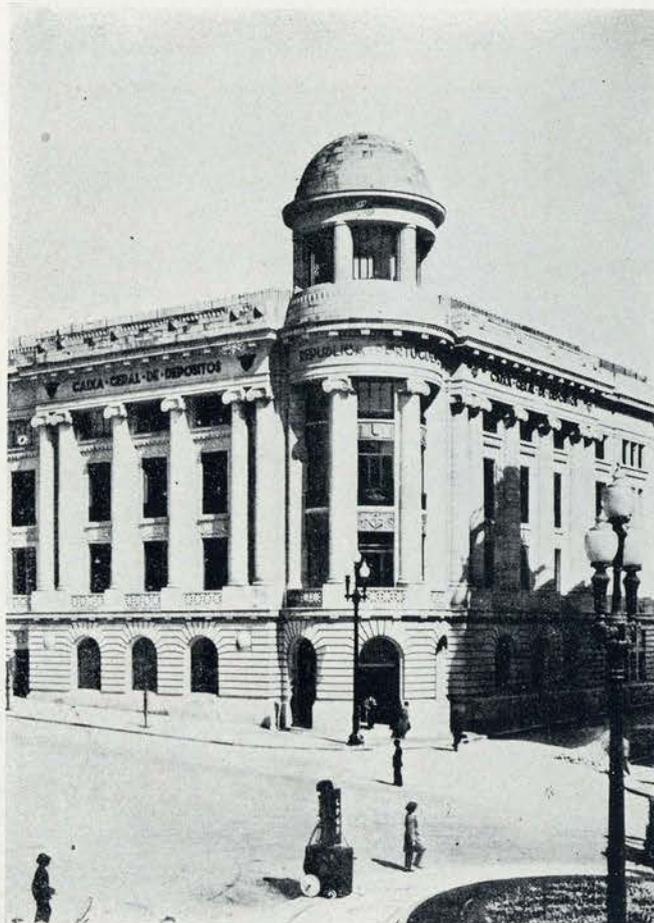
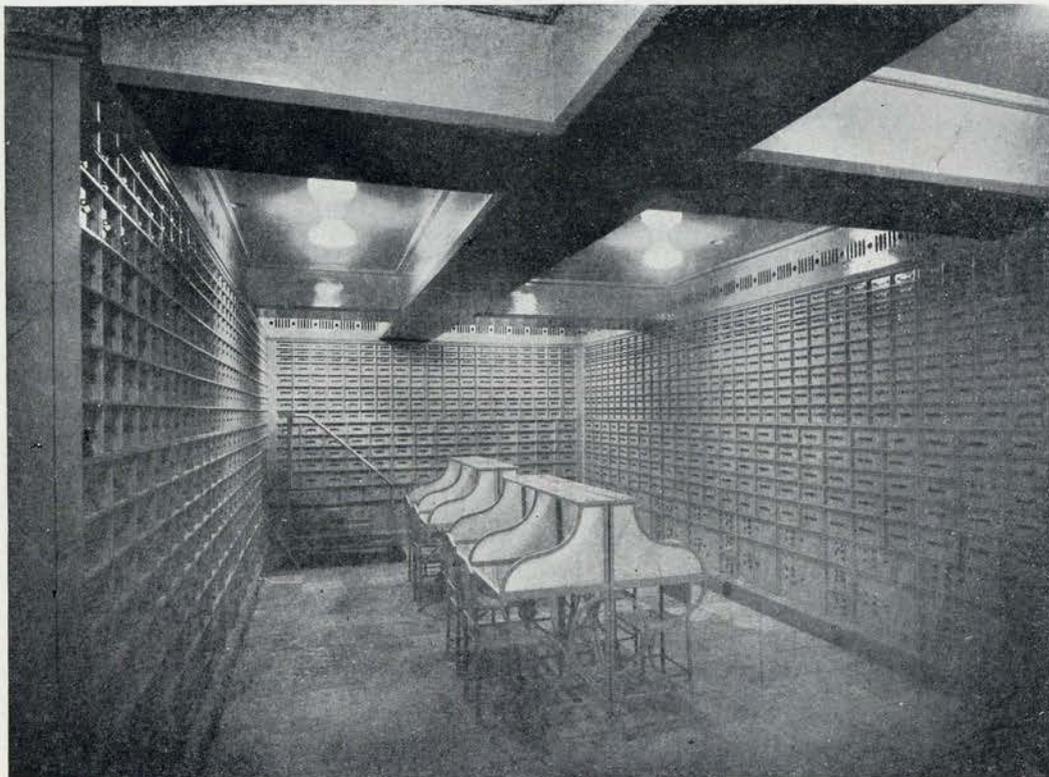
AVENIDA DA LIBERDADE, 35, 2.º · TEL. 21866 · LISBOA

SOCIEDADE GERAL DE COMÉRCIO, INDÚSTRIA E TRANSPORTES, LDA.

FROTA
DA SOCIEDADE GERAL

		Ton.
n/m	AFRICA OCIDENTAL	1.561
n/m	ALEXANDRE SILVA	3.215
n/v	ALFERRAREDE	2.100
n/v	AMARANTE	12.500
n/v	COSTEIRO	875
n/v	COSTEIRO SEGUNDO	500
n/m	COSTEIRO TERCEIRO	1.426
n/v	CUNENE	9.600
n/v	FOCA	2.060
n/v	GAZA	7.968
n/v	INHAMBANE	9.619
n/v	LUSO	10.125
n/v	MARIA AMÉLIA	2.956
n/v	MARIA CRISTINA	5.500
n/v	MELLO	6.158
n/v	MIRANDELLA	8.000
n/v	MIRA TERRA	600
n/v	PINHEL	5.874
n/m	SÃO MACÁRIO	1.100
n/v	SAUDADES	6.436
n/v	SILVA GOUVEIA	1.310
n/v	ZÉ MANEL	1.220
		100.703

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA

ESTABELECIMENTO AUTÓNOMO DO ESTADO

Filiais em tôdas as capitais de distrito. Agências e Delegações em todos os concelhos do Continente e Ilhas. Tranferência por cheque sôbre todos os concelhos. Transferência telegráfica, carta de crédito e cobrança de letras, recibos e outros títulos de crédito por intermédio da Repartição de Transferências e Cobranças, em Lisboa, Rua do Ouro, 47 e de tôdas as suas Filiais e Agências. Aluguer de cofres fortes em Lisboa, Rua do Ouro, 47, no Pôrto, Avenida dos Aliados e em algumas Agências. Abertura de créditos caucionados por títulos. Depósitos de Caixa Económica à ordem e a prazo. Empréstimos hipotecários a curto e a longo prazo. Empréstimos agrícolas e industriais pela Caixa Nacional de Crédito. Empréstimos sôbre penhor de ouro, jóias e pratas pela Casa de Crédito Popular.

Filial no Pôrto. (Avenida dos Aliados)

INFORMAÇÕES SÔBRE PRÉMIOS, COMISSÕES E TAXAS DE JURO, PRESTAM-SE EM TÔDAS AS DEPENDÊNCIAS.

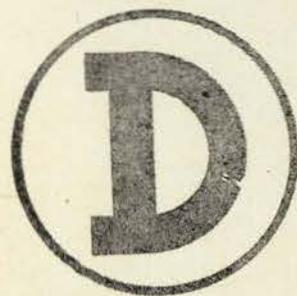
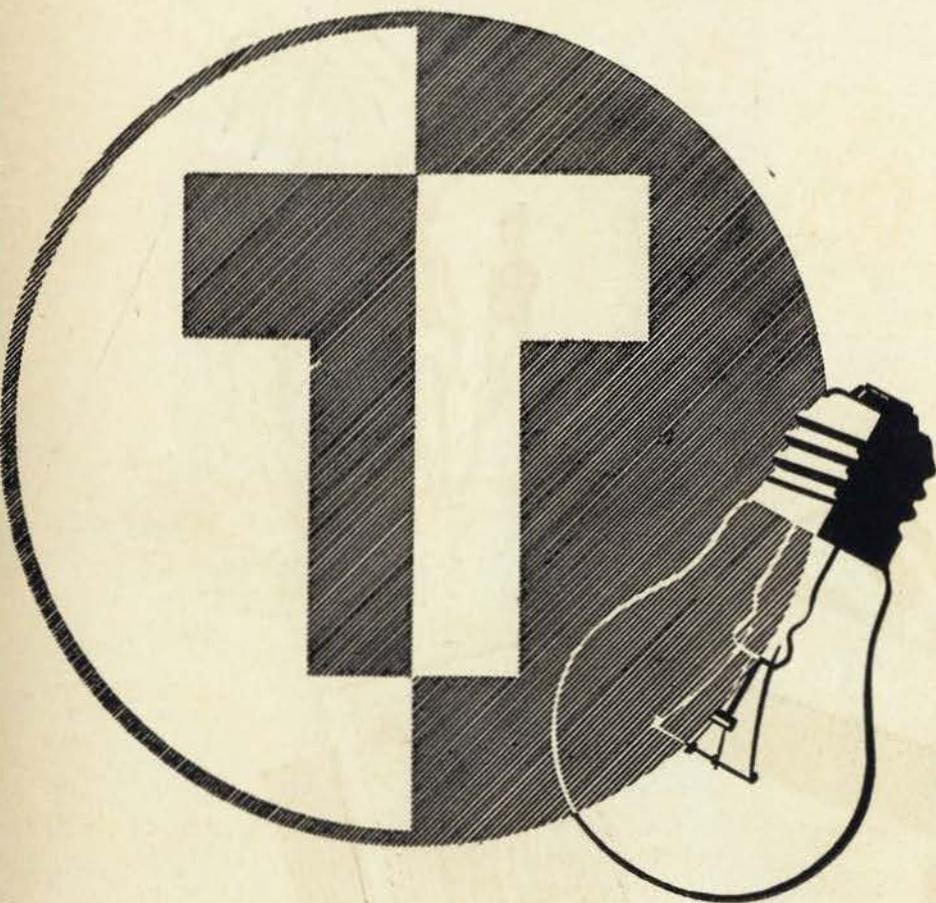
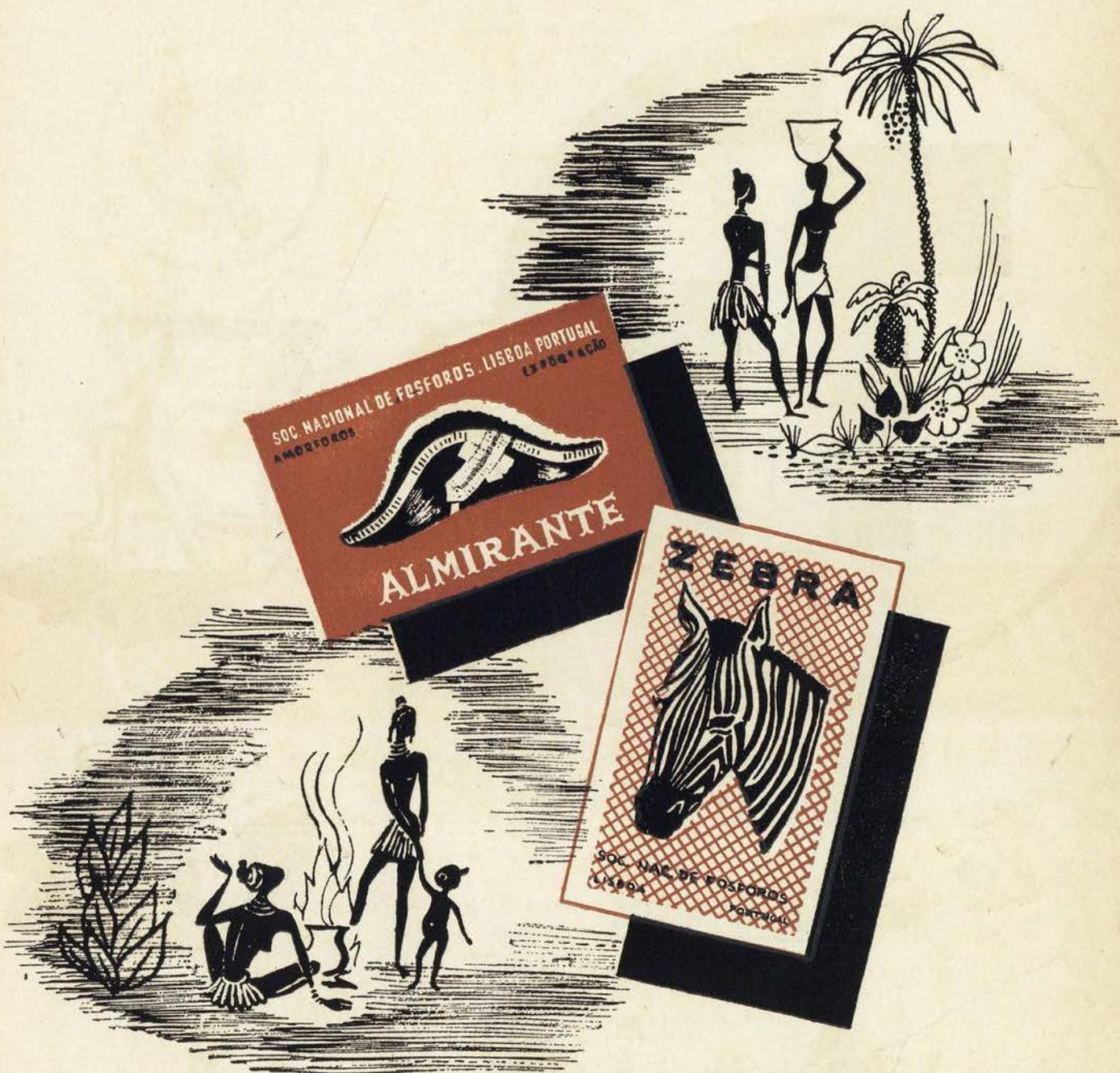
Filial no Pôrto.
Cofres de aluguer.

SERVIÇOS ANEXOS: CAIXA NACIONAL DE CREDITO E CAIXA NACIONAL DE PREVIDÊNCIA TELEFONES (P. B. X.) 2 6181 A 2 6189

O CAFÉ COLONIAL NO ESTORIL

Na Arcada do Parque do Estoril, ao fundo do lado esquerdo, abriu há tempos êste civilizado «stand», com inteligente arquitectura de Carlos Chambers Ramos e graciosas decorações de Almada Negreiros. É um confortável «café-bar», especialmente destinado à venda do sabarosíssimo café colonial que centenas de veraneantes do Estoril visitam diàriamente.

UM "BAR" MODERNO PRECISA DE MUITA LUZ, BOM AR E ALEGRES DECORAÇÕES

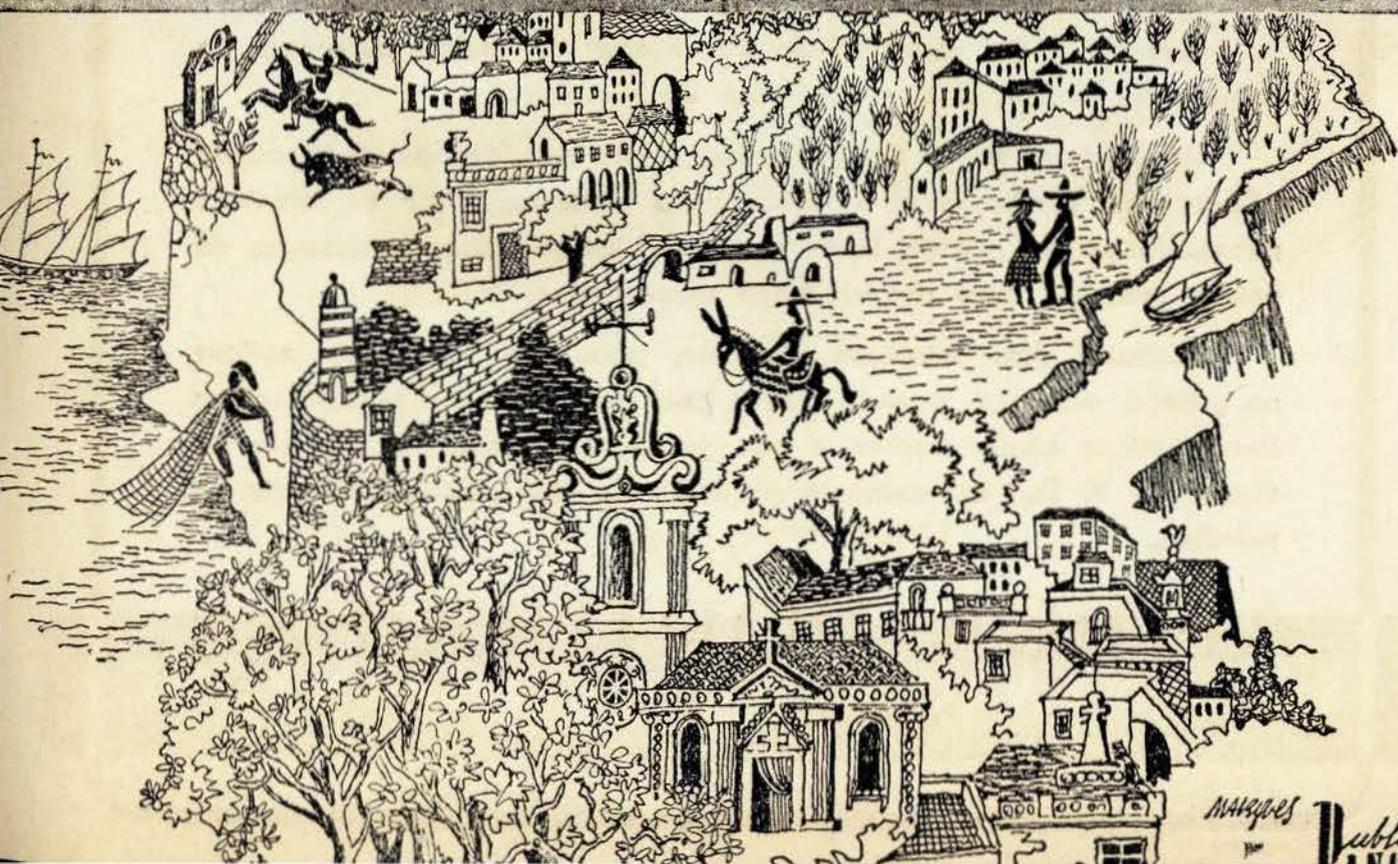
TUNGSRAM

SOCIEDADE NACIONAL DE FÓSFOROS

EM TÔDA A

ÁFRICA PORTUGUESA

AS LAMPADAS QUE PORTUGAL INTEIRO

PHILIPS

CONHECE, USA, PREFERE E COMPRA

Marques

Publicidade

Quando voltar a Paz

Quando a paz voltar há-de trazer com ela muitas surprêsas na técnica da produção dos derivados do petróleo.

De facto, os mil e um processos novos empregados na produção rápida dos combustíves e lubrificantes para satisfazer as urgentes necessidades da guerra teem originado inesperadas descobertas de outros produtos com propriedades surpreendentes.

Produtos sem interêsse imediato, pois não se podem aplicar na guerra, mas que, quando vier a paz, permitirão à Socony-Vacuum desempenhar ainda melhor a sua missão—que consiste em pôr ao dispôr de V. Ex.ª os melhores produtos da maravilhosa indústria do petróleo.

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

2013

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA 45, 1.º - TEL. 2 9311 - LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

NUMERO 21 ★ JUNHO, 1944 ★ VOLUME 4.º

Três Lendas da África Portuguesa

AUGUSTO CUNHA **Panorama Africano**

»Dansa Congo», — desenho colorido, de «Curioso Pascoal Viegas»

Algumas edições da Agência Geral das Colónias

ALBANO NEVES E SOUSA **Batuque**

MORAES CABRAL **Sines, praia alentejana**

Portugal nas Grandes Feiras de Sevilha e de Valência

A Pousada de S. Brás-de-Alportel

Solar Minhoto

SUZANNE CHANTAL **A casa do artista Lucien Donnat**

MANUEL DE RESENDE **Praia de Mira**

FERNÃO DE LISBOA **A Exposição de Mart Huguenin, no S. P. N.**

Na Feira Popular de Lisboa

MARIA JOSÉ **Praia do Carvoeiro**

Três desenhos poéticos de Júlio

ARMANDO DE AGUIAR **Digressão turística à volta da Pousada de S. Brás**

ARMANDO NARCISO **Termas de Portugal**

CAPA: «MOTIVO AFRICANO», AGUARELA DE ALBANO NEVES E SOUSA — DESENHOS DE ANNE MARIE JAUSS, ALBANO NEVES E SOUSA, E JÚLIO — TRICROMIA: «DANSA CONGO», DESENHO COLORIDO DE «CURIOSO PASCOAL VIEGAS; DA VILA DE SANTANA, S. TOMÉ — FOTOGRAFIAS DE: F. SANCHIS, HORÁCIO NOVAES, JOÃO MARTINS, MARIO NOVAES, PROF. ROCHA BRITO E SERRANO.

Condições de assinatura para 6 números: Portugal (Continente, Ilhas Adjacentes e Províncias Ultramarinas), Espanha e Brasil: 45$00 — Estrangeiro: 70$00 — Distribuidor no Brasil: Livros de Portugal, Lda. — Rua do Ouvidor, 106, Rio de Janeiro

Capa e fotolitografias: Litografia de Portugal e Fotogravura Nacional, L.da — Gravuras: Bertrand, Irmãos, L.da e Fotogravura Nacional, L.da

Composição e Impressão: Tipografia da Emprêsa Nacional de Publicidade

PREÇO: 7$50

LENDAS DA ÁFRICA PORTUGUESA

Do livro *Literatura Africana,* editado pela Agência Geral das Colónias; compilação, prefácio e notas por José Osório de Oliveira.

LENDA DO RIO LUÍA

(Recolhida por Henrique Augusto Dias de Carvalho)

POR entre a densa floresta do lado do nordeste vinham fugindo, acossadas por povos invasores, as tribus dos Calambas, que viviam longe, internadas nessa floresta onde nunca penetrara uma pessoa estranha, tendo por habitação as prodigiosas construções do salalé, das quais os pequenos animais iam desaparecendo nas suas refeições.

Calenga, chefe dos Calambas, rapaz ainda novo, vinha na frente e muito adiantado à sua gente; ficou surpreendido quando chegou à beira do rio, que até então não conhecia, supondo, naquele momento, perdida a sua existência, devido a feitiço dos que o perseguiam para não poder fugir-lhes.

Julgando-se perdido com todos os seus, invocou os espíritos de seus avós para que o iluminassem como salvar-se daquele terrível obstáculo, e à tona de água surgiu-lhe, sem que tivesse visto donde, seguindo com a corrente, direita a êle, uma cabaça que bateu de encontro ao ponto onde êle estava. Tocando-lhe com um pau que trazia na mão, para a ajeitar e poder agarrá-la, abriu-se e dela começou a sair um grande número de cabaças, que foram enfileirando-se ao longo da margem, abrindo-se, e por último apresentou-se, sentada no côncavo da interior, uma formosa rapariga, com os peitos muito direitos e redondos, e disse a Calenga: — Chamaste-me, aqui estou; eu sou a dona dêste rio, e os que nêle vivem todos me obedecem.

— Boa ou má, respondeu Calenga, antes quero ficar sob o teu domínio com o meu povo, que em poder dos bárbaros que nos querem roubar: salva-nos e seremos teus escravos.

— Eu sou Luía, e só te quero a ti para meu amante; se o teu coração pertence a alguma rapariga, segue com ela o seu destino; se podes dispor dêle para mim, salta e senta-te no meu colo, que os meus braços te defendem e ninguém te alcançará.

— E a minha gente?

— Ela que se aproxime, respondeu Luía, e se te são fieis os que lá vêem, que te imitem, entrando cada um na sua cabaça, que estas nos seguirão.

Calenga fêz o que recomendara Luía, e esta abraçando-o, a cabaça fechou-se e mergulhou, seguindo depois.

Os companheiros puderam ver o que se passava, e chegando à margem, entraram nas cabaças que se abriam, fechando-se logo para mergulharem e seguirem a de Luía.

Chegando os invasores ao rio, não viram as gentes que perseguiam. Suposeram que tinham sido levados pela corrente e, na esperança de que alguns sobrevivessem, caminharam para o sul, onde encontraram um afluente, que se lembraram, os mais arrojados, de passar a nado, mas num redemoinho aí pereceram os primeiros, que fizeram recuar os que iam imitá-los e deram a êste rio o nome de *Luáfua* ou *Lúfi* (de cúfua ou cúfi: morrer, acabar); daí o nome: *rio da morte,* enquanto o outro ficou sendo *o do amor ou da graça,* e os invasores retiraram.

(Da obra: *Descrição da Viagem à Mussumba do Muatiânvua,* vol. IV — Lisboa, 1849)

LENDA DO LAGO DE CARUMBO

(Recolhida por Castro Soromenho)

CARUMBO, que foi um dos grandes sobas lundas, veio para terras do Luxico porque teve mêdo dos quiocos. Ali não vivia ninguém. As onças tinham fome e as hienas choravam noite e dia. Êle chegou com a sua gente e fêz a senzala no regaço das montanhas, cavou a terra nas margens dos rios e ergueu *mahambas* ao longo dos caminhos.
E nunca mais pensou em guerras. As lanças deixaram de ser envenenadas e enferrujaram ao canto das cabanas.
A vida era alegre. Tôdas as noites se ouvia a voz do batuque. Não se encontravam cabaças sem vinho de palmeira. E as mulheres davam-se, a tôda a hora, ao amor.
Mas um dia, dia que se fêz noite sem fim, os quiocos cravaram lanças nas margens do Luxico e gritaram a sua lei de guerra ao soba Carumbo.
O grito foi ouvido em todos os lares. As mulheres choraram, agarradas aos filhos. E os homens afiaram as lanças, de novo envenenadas pélos feiticeiros, e correram para o terreiro. Só o soba não saíu da cubata.
E a noite foi mais negra na terra e na alma dos lundas.
Na *chota*, a fogueira agonizou. Os lundas olharam para as brasas mortas e sentiram que alguma coisa de grave acontecera, porque o fogo da *chota* é luzeiro que só se extingue para assinalar que a senzala deixou de viver, ou que aquela terra foi abandonada e o homem a ela não deve voltar.
...E o velho Cajango, conselheiro do soba, falou dentro da noite, aconselhando o povo a entregar seus bens aos quiocos porque, de pronto, êles iriam por outros caminhos.
Carumbo não queria a guerra e os quiocos não cobiçavam as suas terras.
— Os quiocos têm fome e querem mulheres. O soba manda entregar tudo que êles pedirem, porque não fará a guerra. Êle ama o povo e não dá o seu sangue para êles beberem.
A voz sumiu-se na noite e acordou o ódio dos lundas aos quiocos.
Gritos cruzaram-se de cabana para cabana, injuriando o soba e os quiocos. Archotes iluminaram os caminhos. E o povo levantou-se ao grito de revolta. A golpes de catana, foram mortos os velhos conselheiros. Só Cajango desapareceu na noite e no tumulto, levado pela mão do soba Carumbo. Bateu-se a floresta e fêz-se da terra um braseiro, mas nem as suas sombras foram enxergadas.
Durante dias, a terra tremeu sob os pés de lundas e quiocos. As bôcas sangravam pelos lábios mordidos com raiva. Mas, por fim, os pés dos lundas, queimados pela terra em brasa, quedaram-se ante a fuga do inimigo. Só o seu ódio os perseguiu.
Tempo depois, já a guerra com os quiocos andava nas canções dos batuques, apareceu, amparado a um bordão, morto de fome, os olhos queimados de saüdade e de remorsos, o soba Carumbo. Abeirou-se da senzala, e tão desfigurado vinha que ninguém o reconheceu. Mas quando lhe ouviram a voz a mendigar uma casca de mandioca, um grito de espanto e de indignação se levantou na senzala. E o soba fugiu.
Os feiticeiros correram a queimar fôlhas olorantes para purificar o lugar pisado pelo traidor.
Noite alta, uma mulher, que fôra escrava de Carumbo, abandonou a aldeia, quinda ajoujada de mandioca e milho à cabeça, e meteu-se pela floresta das montanhas, levando nos lábios o nome do seu antigo senhor.
Tempos depois, o soba tornou à senzala. Logo que o seu vulto, curvado como um velhinho, as mãos descarnadas mal segurando o bordão, assomou à entrada da aldeia, os homens correram para o espancar mas, de súbito, quedaram-se em frente do soba. Carumbo acabava de atirar para longe com o pau, endireitou o corpo e, num gesto arrogante, fitou a multidão. Ninguém se moveu.
O espanto fizera parar tôda a gente. No meio de silêncio profundo, o soba cobriu de maldição

o povo que escorraçava um velho que sòmente lhe viera pedir de comer. Mal acabou de falar, Carumbo caiu de bôrco. E o céu abriu-se lançando ondas de fogo e de água sôbre a aldeia.
Não se sabe quanto tempo durou a tempestade. Mas quando o sol varreu a terra, e sôbre a montanha surgiram o velho Cajango e a escrava que fôra à procura do soba, um lago azul, que a vista não abarca, cobria a terra onde Carumbo reinou. Em redor, nem vivalma.
A mulher caíu por terra, enrodilhou-se, trémula e atónita, e começou a soluçar. E o velho gritava pela mulher, pelo filho e pelo cão. Depois, o silêncio voltou à terra desolada. E a mulher viu o Cajango descer a montanha, a rir às gargalhadas, os ouvidos cheios de vozes da gente que, sob as águas, vive em eterno castigo, e entrar no lago enfeitiçado pelos deuses e sagrado pelo sacrifício dos homens...

(Do livro: *Rajadas e outras histórias* — Lisboa, 1943)

O TÊTEULEMBO

(Recolhida por Belo Marques)

AQUELA lagoa estendia-se pela floresta, docemente, como uma faixa cromada e divinamente bela.
Em noites de lua grande, quando o Penhana, poeta, abandonava, naquela quadra de sonho, o seu airoso pangaio à imperceptível corrente, cantando melopeias virgens como o segrêdo das flores, era quási sempre surpreendido pelas estranhas palavras das margens sombrias e magestosas daquele campo sem fim.
«Que buscas tu, Mufana? O amor desconhecido que ciranda nas vagas e que se há-de esconder, lá longe, por entre o bailado das sombras? Acautela-te, Mufana! lá no fundo, quási ao pé do céu, canta o Têteulembo a infinita canção das almas destemidas e mata os homens dentro das suas asas de ferro. Não queiras escutar o Têteulembo, que encanta muito mas adormece os sentidos. Nunca ninguém viu voltar aquêles que para lá partiram. Cautela, Mufana, que os sonhos são como os frutos que se desfazem na bôca».
Têteulembo... Têteulembo...
Mas, um dia, houve um Sfanhana, garôto destemido e filho de régulo, que resolveu, pela fôrça do seu canto, dominar êsse abutre rubicundo. E partiu...
Partiu, confiado na vitória e na virtude da sua arte. Viram-no partir as duas margens floridas da lagoa, que, assombradas pela audácia, impunham silêncio ao coração da selva. Pararam lentamente, ao longe, as falas nostálgicas das Ngombas, num intermitente soluçar de um estertor profundo.
«Têteulembo Têteulembo... Escuta como eu canto; quero ver se as tuas asas voam mais do que as minhas. Não tenho mêdo de ti, Têteulembo... Têteulembo...»
E o Sfanhana lá ia com uma estrêla em cada olhar, que iluminava o rasto dorido daquelas submissas águas. A alma do Sfanhana, redonda como um mundo, rolou para as solidões da lagoa.
Ao outro dia, tôda a gente da aldeia acordou mais cedo, ao canto cristalino do Sfanhana, que vinha radiante, pela lagoa, com as penas do Têteulembo na cabeça e, no fundo do pangaio, o Têteulembo vencido.
Desde então, não mais a noiva ficou sem noivo, e as penas douradas do abutre assistem trémulas à consumação do amor...
Em noites de lua grande, quem viaja pelo interior da floresta africana, há-de ouvir, com freqüência, o canto de um abutre muito parecido com a coruja, mas de dimensões enormes, que canta na sombra: «Têteulembo... Têteulembo...» Os seus olhos amarelos e redondos, olham desconfiados quem passa e, levantando vôo para poiso mais distante e sombrio, vai cantando lùgubremente: «Têteulembo... Têteulembo... Tête... Tê...».

(Do livro: *Música Negra — Estudos do Folclore Tonga.* — Lisboa, 1943).

PANORAMA AFRICANO

POR AUGUSTO CUNHA

PANORAMA, desde os primeiros números, tem pôsto em relêvo, em diversos artigos, algumas das mais valiosas parcelas do Império Colonial Português. O presente número, organizado com a colaboração da Agência Geral das Colônias, constitui o início de mais larga reportagem e da merecida atenção que no futuro lhes vai dedicar.

O que hoje se dá em visão rápida e superficial é, por assim dizer, o introito, o prólogo, o primeiro passo de uma larga série em que será focado nos mais interessantes aspectos e perspectivas todo êsse vasto mundo ultramarino português, inesgotável de valores e promessas de tão grande importância nacional.

PORTUGAL, turista infatigável, há muitos séculos que percorre o mundo.

Na ânsia sempre insatisfeita de novos horizontes começou desde muito novo a viajar.

As ondas tentadoras que sempre afagaram amorosamente as pequenas praias do seu primitivo berço, embaladoras de grandes sonhos, desde os seus primeiros passos o procuraram convencer a deixar-se levar por elas, carinhosamente, até às mais distantes paragens, aos mais afastados lugares.

E êle, munido do seu bom gôsto, dos seus olhos sequiosos de beleza e do seu espírito de aventura, começou bem cedo a sua maravilhosa peregrinação.

Convencido do grande serviço que prestava à humanidade, foi sulcando os mares, estudando os caminhos e as rotas, percorrendo os continentes, desvendando todos os mistérios,

A pesca em África tem encantos e perigos que os amadores europeus dêste desporto não conhecem — mas deviam conhecer . . .

descobrindo tôdas as terras e regiões desconhecidas, para poder apresentar e oferecer por fim ao mundo um grandioso e rico mostruário de possibilidades e de valores.

De tão desinteressado e inestimável serviço, de tão valiosa oferta, êle guardou apenas para si uma pequena parte.

Como prémio dos grandes esforços, canseiras, heroísmos e sacrifícios dos seus marinheiros e soldados, de todos os missionários e pioneiros da grande cruzada secular da sua expansão no mundo, achou suficiente a consciência do dever cumprido na obra da civilização.

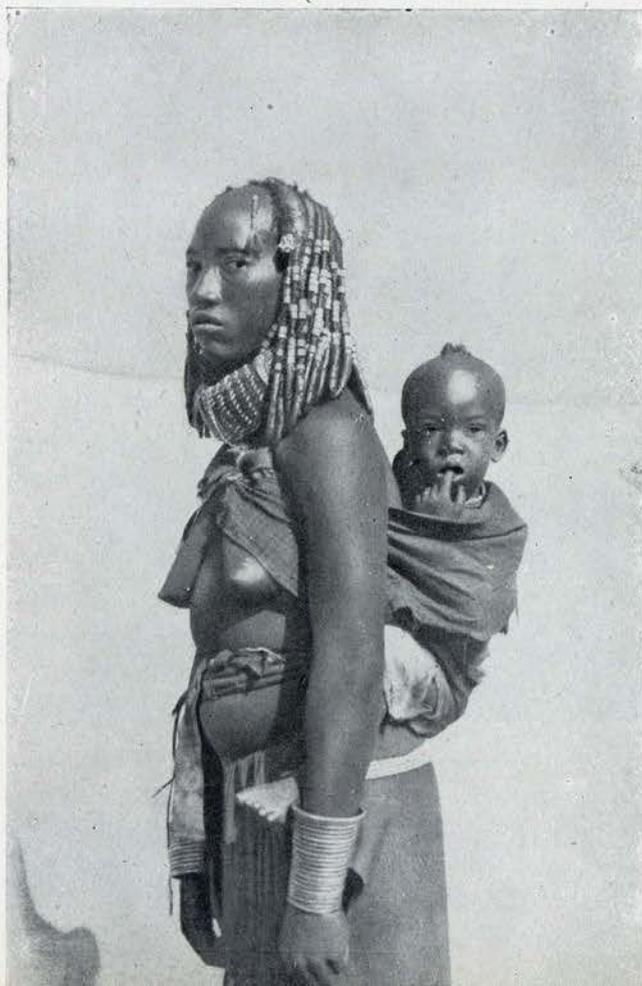
Percorrendo o mundo por elevados fins espirituais, aliados a um imperativo nato de curiosidade e de aventura, sem a menor sombra de baixo interêsse material ou de egoísmo, teve sempre, como principal compensação dos seus trabalhos, o prazer raro, a grande satisfação, a alegria, a tôdas superior, de conhecer novos horizontes e novas terras, de marcar no mundo novos caminhos e novos rumos, de conhecer novas raças e novos climas, de ver surgir perante os seus olhos maravilhados os mais aliciantes e insuspeitados panoramas de novos rios, golfos e baías, desertos sem fim, e densas florestas impenetráveis, outros povos e outros costumes, novos mares, novas ilhas e continentes, novos mundos.

Êsse turista infatigável, êsse incansável viajante criador e esbanjador de impérios, foi assim a tôda a parte e a muitos lugares primeiro do que ninguém.

Na grande viagem secular do progresso e da civilização foi o primeiro a chegar a muitos portos, deu a conhecer e ensinou muitos caminhos, conseguiu atingir as mais distantes e desconhecidas latitudes, descobriu e preparou novas regiões criando os mais dilatados horizontes à expansão dos outros povos.

Percorreu a terra em tôdas as direcções; foi até aos confins do oriente, devassou tôda a Ásia e a Oceânia, deu a conhecer a América, fêz surgir dos oceanos muitas ilhas e arquipélagos, con-

Os tipos indigenas possuem, conforme as regiões e as tribos, caracteres absolutamente distintos, mesmo na sua exígua indumentária, nas tatuagens e nos adornos. Repare-se nas expressões másculas e na sobriedade dos penteados destas mulheres de Bolama (Guiné). — Em baixo: Ferreiros (Lunda).

A caça em África, que até agora tem sido apenas um grande valor económico, poderá vir a ser, algum dia, um grande valor turístico? — Em baixo: Um curioso tipo de mulher mahumbe.

tornou o continente Africano, deu a volta ao mundo por caminhos marítimos até então desconhecidos, transmitiu e ensinou a outros povos a sua fé e a sua língua, em tôdas as populações fêz nascer amizades de profundas raízes, cimentadas pela sua bondade e pelo seu afecto.

De todo êsse mundo que descobriu e percorreu, de oriente a ocidente, das novas terras ignoradas, como das civilizações milenárias que trouxe ao conhecimento dos povos, êle conserva ainda valiosos restos do muito que possuíu, a atestarem a extraordinária grandeza do seu esfôrço na obra da civilização.

A documentar as predilecções do seu espírito de artista e o seu bom gôsto requintado, possui espalhados por mares e continentes os mais belos trechos de païsa-

«Païsagem de S. Tomé.» Óleo de Jorge Barradas. — S. Tomé. Óleo de Fausto Sampaio.

Outros instrumentistas da África portuguesa. — Tocadores de cangúxi (o violino dos negros) e de marimba.

O negro é um criador de ritmos. Também neste capítulo, como é sabido, influíu na música e na coregrafia dos nossos dias ★ Nestas fotos vêem-se dois tipos diferentes de instrumentistas: — Um tocador chiuaiauaia e um contorcionista tocador de quissange ★ O estranho penteado-chapéu de uma mulher futa-fula (região do Boé). Aqui, já não sabemos até que ponto a «coquetterie» das negras terá influído nas modas das mulheres brancas.

Trecho muito característico de uma roça de S. Tomé

gem, as mais floridas e encantadoras regiões, ilhas verdejantes a desabrocharem do azul dos oceanos, picos altaneiros de ciclópicas montanhas a permitirem a visão grandiosa dos mais vastos horizontes, as miragens tentadoras de desertos sem fim, rios caudalosos, dilatadas praias dos mais diversos climas, grandes florestas, campos fertilíssimos, minas inexgotáveis, as mais deslumbrantes maravilhas que a natureza generosamente oferece ao homem sôbre a terra.

Êle tem assim desdobrado sôbre o mundo o mais variado e colorido mapa de turismo que seria possível conceber.

Os mais diversos gostos, as mais requintadas exigências, a mais insaciável curiosidade do viajante sempre sequioso de novos aspectos, de novas paìsagens, dos melhores cenários de beleza, podem ser satisfeitos nesse maravilhoso mapa, nesse rico mostruário de valores.

Êle possui os melhores climas, os mais belos jardins, as mais prodigiosas e exuberantes criações do reino vegetal, a mais variada fauna a povoar as suas densas florestas, o atractivo das mais diversas raças com todo o sortilégio impressionante dos seus costumes e dos seus mistérios.

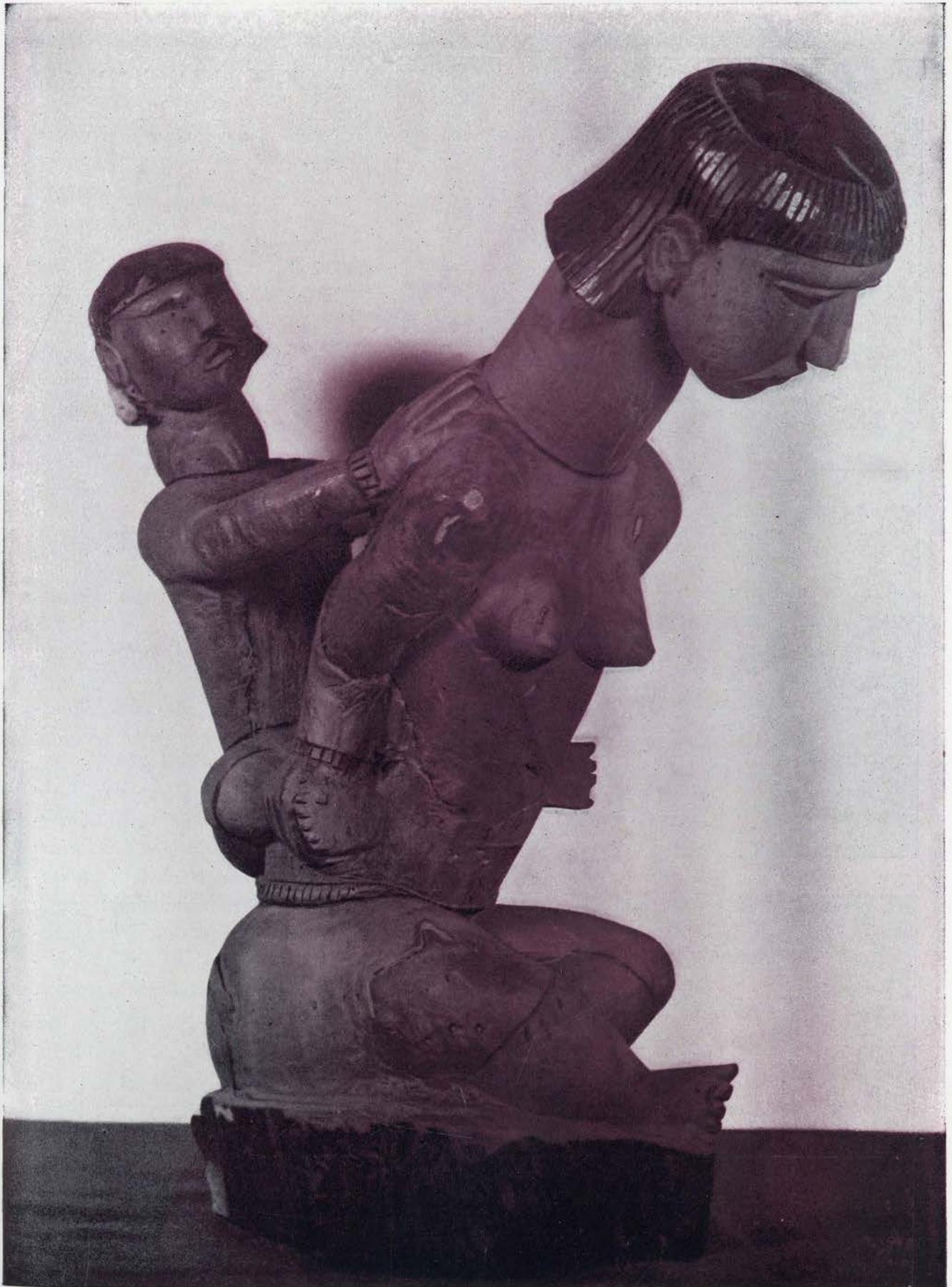
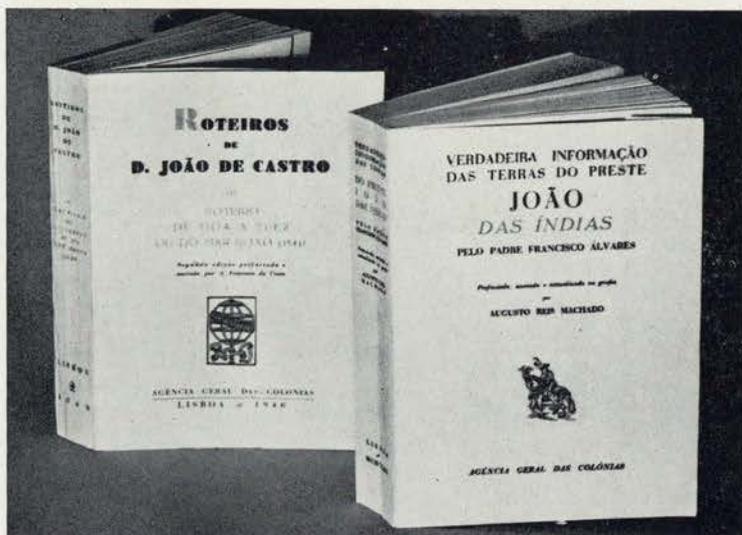
Dêsse resto de valores que lhe ficou, pequena amostra de um pasado de grandeza, reduzido prémio de um grande esfôrço, avultam como pedaços mais ricos e valiosos, os que no continente Africano são grandes parcelas do Mundo Português.

Êsse vasto mundo africano, cheio de possibilidades e de promessas, constitui só por si o campo inesgotável para a maior expansão de turismo de um país.

Tudo o que pode interessar um viajante ansioso de novidades e de ineditismo, desejoso de descobrir o que mais possa impressionar os seus olhos ávidos de ignorados e desconhecidos panoramas, de conhecer outros costumes e outros lugares, de sentir as mais fortes emoções, tem no continente negro um rico manancial de sensações e de atractivos.

(Continua na pág. II)

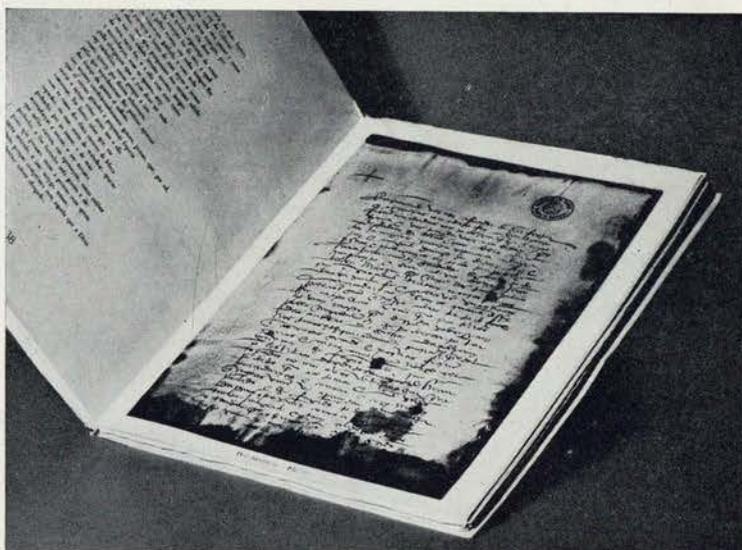
Não foi uma criança quem desenhou e coloriu êste quadro, de indiscutível interêsse etnográfico e artístico, tanto pelo rigor documental como pela graciosidade e pureza do seu «primitivismo»; foi um artista de S. Tomé, que se apelida de «o curioso Pascoal Viegas». A tricromia aqui reproduzida faz parte de uma colecção que pertence ao Dr. Carlos Sampaio e representa a dança denominada «Dança Congo», na qual cada personagem e grupo de comparsas têm nomes próprios e exercem funções especiais, de carácter simbólico.

ARTE NEGRA. — É principalmente na escultura em madeira que os artistas negros manifestam o seu talento, fantasia e sentido decorativo. Tão fortes são essas qualidades, que chegaram a imprimir um cunho especial a determinadas correntes da arte moderna, influindo assim directamente na revolução estética dos nossos tempos.

Um magnífico espécime de escultura de negros.
Indígena acocorada. – Ilhas Bijagós – Guiné

A OBRA EDITORIAL DA AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS

As realizações levadas a efeito pela Agência Geral das Colónias, no sentido de difundir e esclarecer, em todos os seus aspectos, a grande obra colonial portuguesa, constituem um conjunto de iniciativas altamente valioso, que Julio Cayolla brilhantemente tem dirigido.

Entre tão vastas realizações, destaca-se a actividade editorial daquele Organismo que, pelo alto valor dos livros publicados e matéria neles tratada é, sem contestação, uma das mais importantes contribuïções contemporâneas para a formação da cultura portuguesa.

Reedições de obras há muito esgotadas, publicação de originais que se mantinham inéditos nos arquivos de documentação e iconografia histórica quási desconhecidas, reünião de escritos dispersos e trabalhos de historiografia de individualidades de prestígio na mentalidade contemporânea, — são valiosos elementos, hoje acessíveis e seguros, para o estudo da história dos descobrimentos, conquista e colonização portuguesa.

Não é possível falar das edições da Agência Geral das Colónias, sem fazer uma merecida referência a Luís de Montalvor, que à apresentação gráfica dos volumes dedica o seu fino espírito de artista.

BATUQUE

TEXTO E DESENHOS DE ALBANO NEVES E SOUSA

De repente, a um sinal dado, os «cachiequi» enchem a noite de gritos estridentes, enquanto as «úcuas» e «gomas» com as suas vozes graves, marcam o compasso tresloucado do batuque.

Formam em círculo os grupos dos bailarinos, as mulheres no meio, os homens em volta — todos batendo palmas na mesma cadência atordoadora dos tambores. Um dos tocadores afrouxa o percutir enérgico da sua «goma» para lançar um verso: «Mueneputu à taté ienu...»

Todo o côro o repete como um eco, num perfeito conjunto de vozes.

Do grupo das mulheres vem saindo a primeira dançarina.

É Lumina, a filha do «seculo» da terra, negra e maneirinha como fruto da «ucha» mal maduro. Veste panos azuis, e na cabeça traz um lenço muito branco. Manso e manso, como que

escorregando, vem até ao meio da roda, até ao pé do fogo da fogueira grande, que lhe tinge de tons rubros os panos anilados. Os ombros e os quadris movem-se suavemente, em movimentos sinuosos e felinos; pouco a pouco foram afrouxando, e ela ficou-se tremendo tôda, como palmeira batida pelo vento, os lábios entreabertos em ânsia, o corpo vergado para trás, até que num geito rápido e nervoso arranca um dos panos que usa apertados sôbre o seio. Correspondendo a um crescendo dos tocadores, parece, ela tôda, um turbilhão. O pano, rodopiando no ar, numa cadência de vertigem, forma como que uma auréola em volta da moça. Às vezes parece cair vazio, como vela sem vento, outras adeja no ar como asa de gigantesca borboleta, enquanto os pés da bailarina, telintando anilhas de cobre, levantam, do terreiro batido, ténues nuvens de poeira vermelha.

O ritmo da música foi afrouxando e Lumina, exausta, o pano arrastando pelo chão como penas de pássaro morto, bateu o pé em frente de outra dançarina. Dançou aquela e dançaram muitas mais, mas nenhuma como Lumina, a filha do seculo da terra...

Foi-se fazendo noite velha.

Uma lua muito branca foi nascendo, recortando, de encontro ao céu claro os imbondeiros torcidos e angustiados como espéctros. As fogueiras foram-se fazendo bruxoleantes como lumes de borralho, excepto a do meio da roda onde os troncos abrasados ardiam ainda com violência. Mulheres trouxeram cabaças de «cachipembe» e «ganzas» de «marufo» que começaram a passar de bôca em bôca, a dar nova alma aos dançarinos e cantores. Os corpos reluzem de óleo e suor, mas ninguém descansa na febre do batuque. Ainda não dançou Lufina, a filha do soba Quibobo. Ela veio de longe, de Mumbondo, para dançar neste batuque.

Quando Lufina entrou na roda, tôda a gente virou doida; os rapazes assobiaram de alegria e as raparigas novas, mordidas de inveja, até se esqueceram de acompanhar o côro.

Quando ela aparece nos batuques, os homens só têm olhos para o seu corpo, porque, quando dança, o seu corpo é como fogo vivo.

Os velhos, que viram os anos passar sôbre as suas cabeças, confessam maravilhados, que nunca toparam mulher que dançasse como ela.

Mulher como Lufina, vale «boi soba» na terra do Libolo.

Pequena e delgada como a faca que se tráz à cinta, o seu corpo é suave como o canto do «gundo andala», e o seu talhe mais airoso que a palmeira demdém.
Trás, como único vestuário, uma pequena tanga vermelha enfeitada de missanga; nos pulsos e nos tornozelos, anilhas de cobre polido e trabalhado brilham à luz das fogueiras. Aos lados da cintura tilintam campaínhas, e ao pescoço tráz uma infinidade de colares de zimbo e de contas, a condizer com os enfeites do penteado armado em fios metálicos.
Vem tôda untada de tacula e de óleo, reluzente como uma estatueta de bronze vermelho.
Os «cachiequi» entoaram a parte cantante de um ritmo diferente, e um caçador de nomeada, matador de onça, entoou em sua honra uma canção que o côro repetiu entusiasmado.
Lufina, calma e indiferente, veio andando devagarinho, em passinhos curtos e estudados, até junto da fogueira; em seguida principiou a encolher-se tôda e acabou por ficar aninhada ao pé do fogo como um cão ao borralho.
Depois começou a estender os braços, retorcendo-os em movimentos ondulantes e lestamente foi-se endireitando sempre, com os membros nos mesmos movimentos estranhos. O corpo, iluminado de perto pelo fôgo, parecia por vezes, identificar-se e, pela côr violenta que a sua luz lhe emprestava, confundir-se quási, com a chama. Em movimentos ágeis como os do bambi do mato rodopiavam loucamente sôbre si mesma, como um pião, de braços ao alto, os lábios entreabertos, mostrando os dentes brancos e afiados com um fogo electrizante a brilhar nos seus grandes olhos negros, semi-cerrados...

(Continua na pág. IV)

SINES, PRAIA ALENTEJANA

por Moraes Cabral

MÃO amiga levou-nos, em 1938, a Sines. Já queimámos seis anos depois disso. Entretanto, atravessámos o Atlântico, vimos muitas praias, algumas de indiscutível beleza, outras bastante exóticas, várias multíssimo cosmopolitas, mas nenhuma como Sines.

Sines e a Costa Nova monopolizam a nossa preferência. Aliás, tão repleto de praias magníficas é êste ninho paterno que, decerto, haverá quem lhes oponha outras qualsquer — a Arrábida, Espinho ou a Ericeira.

Não garantiu Teixeira Gomes que as lendárias praias, cantadas pelos clássicos mediterrânicos, se situavam em Portugal em vez de na Grécia? Por isso, temos beira-mar fértil para escolher e deixar tôda a gente contente.

Sines é o paraíso de muito bom lisboeta. Mas é-o, principalmente dos alentejanos, que ali acorrem, no último mês do verão e no outono, com interêsse, entusiasmo e pontualidade que nunca esmorecem, antes se revigoram.

É, para êles, Meca de outro género, onde vão encher os olhos de uma paisagem enebriante — mar de azul extraordinário; areia branca, finíssima, que apetece palpar, filtrar por entre os dedos, pisar; sol doirado, acariciante; céu puro e diáfano — e esquecer os longos dias de canícula, portas e janelas fechadas, copo de água trás copo de água, numa monotonia de chumbo e num silêncio tão completo que pareceria ter a vida fugido daquelas paragens, não fôra a gente do campo rompê-lo, azafamada, no valvém quotidiano.

O alentejano compraz-se em «quebrar» a vista contra os rochedos de Sines, cansado de a alongar através da planície sem fim, êsse seu eterno horizonte de terra e céu, céu e terra, que, na distância, parecem fundir-se num sutil e interminável amplexo.

É um prazer ouvi-lo tecer elogios, sem conto, ao adorável Vale Pincel, onde também fomos, certa tarde, petiscar à sombra de acolhedor pinheiral.

Sombra! Palavra que, para o alentejano, tem algo de mágico. Não possuísse o Vale Pincel outros encantos mas só, apenas só, sombra — e seria o suficiente.

Poder movimentar-se sob aquêles frondosos pinheiros sem sol, escaldante, a incomodá-lo; poder dormitar, ao ar livre, sem que, para isso, se veja obrigado a encafuar-se entre quatro paredes; poder, enfim, lançar-se pela colina abaixo e ir à praia molhar os pés, banhar-se, se quiser, e comer, sem mais aquelas, uma ou duas dúzias de mariscos — eis o que torna o alentejano apaixonado do Vale Pincel, êsse encantador trecho de Sines!

Terra de clima agradabilíssimo, estância de repouso já consagrada, Sines tem na pesca uma das suas actividades principais pois que as outras são a lavoura e a cortiça. O mar, ali, é generoso, tão generoso que, uma manhã, fomos de barquito para defronte da praia e pescámos, nós, leigos e desajeitados, dezenas de pequenos peixes que devorámos, depois, numa fritada a capricho, regada com êsse bom vinho português que é bênção dos deuses e uma das nossas grandes saüdades quando andamos lá por fora.

As casas de Sines, muito brancas, muito limpas, a população, trabalhadora, com o ar vivo e decidido dos nados junto ao mar, uns hábitos repletos de típico — tudo fabrica ambiente simpático e inolvidável.

E aquêle homenzinho que, tôdas as tardes, percorre a vila, anunciando, em voz alta, à laia de arauto, que variedades de carne tem o talho para vender no dia seguinte e os preços por que haveremos de pagá-las?

(Continua na pág. VI)

Sines — Lado nascente. — Praia de banhos vendo-se ao fundo o rochedo denominado «Pontal». — Vista da vila e da estrada que conduz à calheta ou pôrto de embarque

Sines — Esplanada e acesso à praia de banhos. — Jardim público. — Vila, lado poente

NAS GRANDES FEIRAS DE SEVILHA E DE VALÊNCIA

NA grande Feira Anual de Sevilha, em Abril, houve êste ano um atractivo especial, cujo interêsse foi pôsto em relêvo pela Imprensa espanhola: A «Caseta» de Portugal, sintese brilhante, embora modesta, da nossa terra, da nossa vida e dos nossos costumes — instalada na principal avenida dêsse famoso certame, que é, ao mesmo tempo, um espectáculo maravilhoso de côr, animação e pitoresco.

A «Caseta» apresentou-se, no exterior, com a simples e serêna arquitectura da casa rústica portuguesa: beiral, janela de caixilhos sóbrios e varanda de ferro forjado. No interior, o clássico ambiente das nossas casas provinciais, mas com um recheio constituído pelas mais típicas espécies regionais das indústrias e artes populares: — mantas e bilhas alentejanas, bonecos de Barcelos e de Estremoz, etc., etc.

Entretanto, atraia a curiosidade de muitos milhares de visitantes a *Exposição de Arte Popular Portuguesa,* instalada no edifício do nosso Consulado, na mesma cidade. Também os periódicos

FOTO DE F. SANCHIS

espanhois reflectiram a agradável impressão que causou no público êste empreendimento levado a efeito pelo Secretariado da Propaganda Nacional, e relevaram o seu meritório alcance: divulgar em Espanha alguns dos nosso elementos culturais mais significativos e, conseqüentemente, contribuir de modo activo e eficaz para o estreitamento das relações espirituais e afectivas entre os dois países vizinhos.

A *Exposição de Arte Popular Portuguesa* repetiu-se, algum tempo depois e com o mesmo êxito, na cidade de Valência, durante a tradicional Feira de Amostras ali realizada.

Dois aspectos da «Caseta» de Portugal na grande Feira Anual de Sevilha. — Na página anterior: Um ângulo da Exposição de Arte Portuguesa, em Valência. Decorações de Tom.

FOTOS DE SERRANO

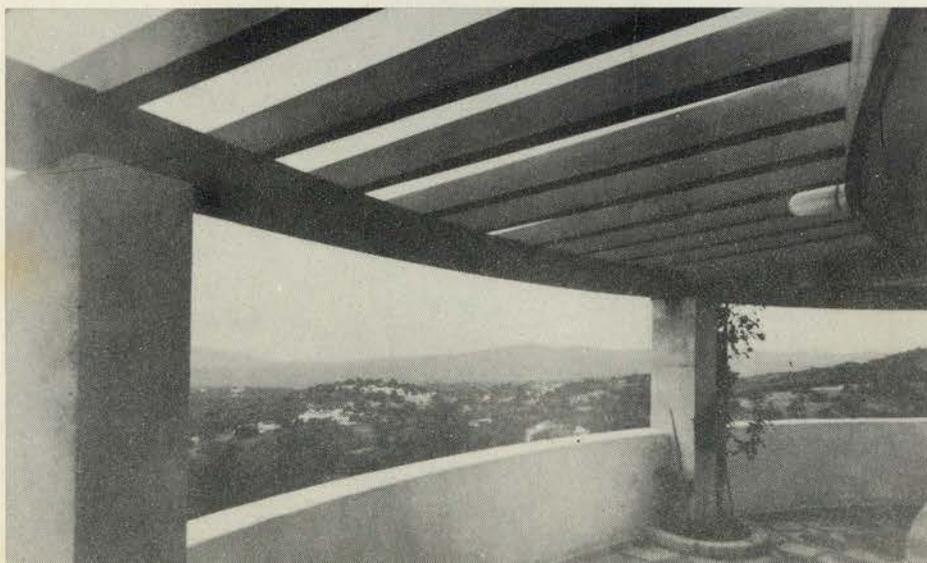
POUSADA DE S. BRÁS-DE-ALPORTEL

TEMOS sempre registado nesta revista os aspectos mais interessantes das pousadas, à medida que elas se vão inaugurando. Hoje cabe a vez à de S. Brás-de-Alportel, junto à estrada nacional Faro-Lisboa, a 18 quilómetros da capital do Algarve — a última que surgiu na paìsagem portuguesa, convidando os turistas que visitem o sul do país a uma estadia repousante, saüdável e aprazível, num ambiente de pitoresco e hospitalidade regionais.

Já no número anterior dissemos que êste novo padrão turístico erguido pelo S. P. N. é obra arquitectónica de Jacobety Rosa; que os seus interiores (dos quais reproduzimos agora alguns pormenores) foram decorados por Vera Leroy, coadjuvada pela pintora Anne Marie Jauss, e sublinhámos, então, que tanto a arquitectura do edifício como o seu mobiliário e ornamentação foram concebidos de harmonia com a paìsagem, o clima e os caracteres plásticos dominantes da província a que se destinavam.

Àcêrca dêsse enquadramento — e de outras coisas que se verão — publicamos, no Boletim do presente número, um artigo do jornalista Armando de Aguiar, ilustrado por Anne Marie Jauss, para o qual remetemos a curiosidade do leitor.

FOTOS JOÃO MARTINS

UM SOLAR MINHOTO PAÇO DE LANHEZES

Os solares portugueses, principalmente os do Norte, representam — como já sublinhámos, em tempos, nesta revista — uma das mais apreciáveis curiosidades artísticas do País. É, na verdade, inconfundível o carácter da maioria dêsses edifícios armoriados dos séculos XVII *e* XVIII, *quási todos belos e atraentes, tanto pelo gracioso equilíbrio das linhas arquitectónicas, como pela função ornamental que desempenham na paìsagem.*

Está neste caso o Paço de Lanhezes, *situado a 14 quilómetros de Viana-do-Castelo, na estrada que passa por Ponte-de-Lima e Arcos-de-Val-de-Vez, dominando um dos mais típicos trechos da pitoresca região.*

De sólida construção setecentista, êste solar minhoto — recheado de interessantes peças de arte — pertenceu, de início, a Dona Maria Francisca de Abreu Pereira Cirne Peixoto, e é hoje propriedade do seu descendente D. Lourenço Vaz de Almada, actual Conde de Almada.

A CASA DO ARTISTA LUCIEN DONNAT

por SUZANNE CHANTAL

NAS noites de lua o claustro está encharcado de azul. Sôbre as lajes onde o tempo apaga inscrições latinas — última oração das freiras que ali dormem há séculos — destaca-se a sombra dos pilares, opaca, na qual, por vezes, se enreda, aligeirando-a, outra sombra, dansante esta, de uma roseira louca, enquanto o silêncio monástico é atravessado por um chôro de criança, um grito, uma porta que bate. Porque o claro claustro é florido e está habitado, e cheio de relentos quotidianos de sopa e de lavagens de roupa, e tem essa estranha e profunda serenidade viva que só quási se encontra em certos recantos de Lisboa, como êste: nenhum ruído da rua, mas nenhum «silêncio de morte»; o recolhimento, mas não a solidão. A escadaria, de degraus gastos, sobe em ziguezague por entre as caiadas paredes brancas. Uma porta abre-se aí, vermelha. Nenhum nome; campainha também não há. Só vem aqui quem é esperado, benvindo. Aqui abre-se um refúgio.

Lucien Donnat está na moda. Tem, desde há dois anos, o que em Paris se chama a *côte d'amour*. Há artistas que só trazem os vestidos que acusam o seu estilo; esta peça só pode ser montada por êle, confiam-lhe a decoração de uma «vila» no Estoril ou de um palácio restaurado, ilustra um conto de fadas para meninos bonitos, enquanto lhe pedem, inesperadamente, uma canção ou uma idéia para um bailado. Os ciümentos ou os preguiçosos poderão dizer: «Êste rapaz dispersa-se...». Pode-se ter na algibeira dez «croquis», vinte projectos na cabeça e ainda um ar de música que siranda de um lado para o outro, e, entretanto, não faltar a um

Como se faz de um arrüinado refeitório de monges uma casa magnífica de habitação e de trabalho.

concêrto ou a uma exposição, e continuar combativo, entusiasta, vibrando com o fôgo sagrado da juventude e do talento. Há um segrêdo. Anteu retomava fôrça quando tocava a terra. Lucien Donnat trabalha no seu «atelier».

Ter por ofício, durante anos intensamente vividos, procurar os mais belos objectos nos antiquários de prestígio ou nas feiras da província, permite fazer preciosa colheita. Como a ave, pacientemente, enche o seu ninho, também Lucien Donnat trouxe para o seu «atelier» um estanho ou uma seda antiga, um tapête ou um candelabro. Mas, enquanto que o pássaro se deixa maravilhar pelo que brilha, êle sabe escolher. Hàbilmente. Carinhosamente. Pormenores nos quais ninguém teria pensado e que encantam todos. Uma audácia espantosa, fundida na mais perfeita harmonia. E quando, pela primeira vez, se entra neste «atelier», começa-se por se sentir, envolvente, uma atmosfera de serena beleza, talvez um tudo nada grave, e da qual só sobressai a densidade, o equilíbrio nobre e forte. Tal como em certas capelas... E é sòmente, a pouco e pouco, que, naquilo que se julgou austero, começa a brilhar o ouro dos anjinhos bochechudos, dos paramentos antigos, das talhas de igreja. Um luxo surdo e quente ateia-se e cresce nas pregas ôcas das fôlhas de acanto ou das colunas torsas, nas

Veja-se como se equilibram admiràvelmente, nestes recantos de interior, o sentido artístico e o sentimento de confôrto

vestes das madonas, nos potes chineses. E cedo o pormenor aparece e impõe-se. Não há um só lugar onde o olhar possa pousar sem ficar retido. Êste «atelier» que parecia vasto, e talvez severo, aparece agora rutilante, adornado como um altar.

As peças mais raras: essa bela mesa D. João V, êsse contador de pau santo que se abre sôbre interiores profundos como lápis-lazuli, essa velha estante de côro, conservam-se tal como as fizeram a arte de uma época e a patina cuidadosa do tempo. E isto, enquanto antigas talhas que perderam o doirado e foram pintadas de novo, utilizadas com uma audácia feliz, compõem êsse armário onde se abriga um «bar», ou êsse outro onde se guardam, alinhados, os frascos de verniz, os pincéis, as tintas. Porque neste «atelier» tão cuidado, trabalha-se. Um estirador de madeira colocado em frente de uma janela enorme, onde vem bater uma ramada de diospiro — a árvore mais decorativa, por maravilhoso acaso — sustenta um copo de água com um pincel, alguns lápis bem afiados, um «croquis» esboçado, um «dossier» donde, por vezes, se escapam românticas crinolinas ou os desenhos de um teto renascença. No ângulo da janela talvez se encontre, inacabada, uma dessas mesas de vidro nas quais Lucien Donnat faz correr cordões entrelaçados de fôlhas de carvalho,

Não há «antigo» nem «moderno»... — há só o «belo», quando há!

ou êsses festões em que o nosso povo mistura corações e flores; um pires com um líquido consistente como um ungüento, cheiroso como se fôsse de terebentina, palhetado de ouro, como um licor fradesco... Única desordem... Enquanto outros querem nos seus «ateliers» um aparato de desleixo — pontas de cigarro, paletas sujas, nódoas e poeira — aqui tudo está limpo, liso, luzidio... *Tout est ordre et beauté!* E, entretanto, foi sôbre êsse estirador sóbrio e limpo, que foram desenhados, de há dois

anos a esta parte, todos os cenários e os trajos da «Electra e os Fantasmas», e do «João Pateta» e das «Sabichonas» e, agora, de «O Rei»; os ferros forjados e os frescos da Nunciatura, os projectos e os desenhos acabados e de pormenor, de mais de vinte decorações de residências, e de dúzias de vestidos que algumas das mais bonitas mulheres de Lisboa trazem pela rua e em cena aberta. Sôbre um cavalete, um retrato de mulher... Aí foi pintado, como êsses outros encantadores retratos de crianças, frescos como margaridas côr-de-rosa, que florescem ao longo dos muros.

E por todo o lado, em volta, encontra-se o fruto de um trabalho tenaz que, depois de se ter deixado levar pela facilidade, soube, pouco a pouco, encontrar o seu caminho. Após as encantadoras fantasias do «Jôgo de cartas» ou do «Ìcone português», é a límpida doçura de «Nossa Senhora da Rocha» ou êsse grupo glauco onde brincam todos os reflexos das vagas, com os pescadores da Nazaré, as suas rêdes e as suas mulheres, quadro profundo do qual parece irradiar sôbre o «atelier» o famoso «raio verde» que, por vezes, — sinal de felicidade — brilha nos nossos mares.

(Continua na pág. IV)

Outros aspectos surpreendentes da casa-«atelier» de Lucien Donnat

FOTOS HORACIO NOVAES

PRAIA DE MIRA ★ ALDEIA DE PESCADORES

POR MANUEL DE RESENDE

É singular esta praia morena, onde as casas são morenas, como as gentes e o mar, de fundo negro, amorenado também...

A gente, da terra e do mar, é de uma lhaneza que excede tôdas as regras da hospitalidade. As portas dos casebres são franqueadas aos poucos banhistas que buscam sol, mar e repouso, no convívio humilde desta gente.

Andou por aqui a natureza a alindar-se com jeitos de «menina e moça». Paredes-meias com o mar, separada por longa e estreita cortina de areia fôfa, estanca-se a «Barrinha» — lagoa enorme, de águas translúcidas e quietas a encher as valas de irrigação dos campos que os homens amanham, quando o mar se enruga e o quebrar da vaga não deixa os barcos ir ao largo fazer o lanço.

Às vezes, na imensidade desta lagoa de azul-esmalte puríssimo, alveja enfunada vela, a perder-se na distância, e logo nós pensamos nos mil e um motivos de beleza que aqui viria colher um pintor de génio. Aguarelas impregnadas de bucolismo, dar-

-lhas-ia esta lagoa de margens enfeitadas, de tons variadíssimos; «águas-fortes», se as quisesse, podia buscá-las na faina da pesca: a largada dos barcos, airosos no recorte das suas linhas fenícias, com mar picado, é quadro surpreendente, espectáculo que emociona; o tirar da rêde com o concurso de mansos e possantes bois — cinco juntas de cada lado — é bárbaro e lindo; a escôlha do peixe e a venda na lota são, aqui, outros motivos tìpicamente portugueses e espectaculares.

Todo o dia, desde que o sol é nado e, por vezes, em noites de luar, anda, em pequenas bateiras, a arraia miúda — os futuros lôbos do mar — nas águas mansas da «Barrinha», a ensaiar as encruzilhadas do seu destino. Devem ser assim os filhos das gaivotas, em ensaios de asa para novas largadas de rumos ancestrais...

Já teve sua grandeza a Praia de Mira. Há uns cinqüenta anos, servia-a um caminho de ferro, de via reduzida, a ligá-la às povoações vizinhas. Construíram-se, então, os poucos prédios de alvenaria que existem no pequeno burgo. O tempo, impiedoso, foi-lhe roubando aos poucos todos os bens; não lhe levando entretanto as suas características: talvez até (devido ao isolamento a que foi forçada), mais se tenham acentuado os traços típicos e rudes dos seus naturais.

Agora está em vias de conclusão uma estrada que vem da Figueira-da-Foz, por entre matas nacionais, atravessando uma região onde a paisagem, a cada passo, se modifica e é sempre bela. Será esta estrada um traço de união a ligar as duas praias irmãs, ambas atraentes, mas de belezas perfeitamente opostas — futura via de turismo que há-de trazer à Praia de Mira os banhistas da Figueira que, um dia por outro, procurem afastar-se da vida elegante dos casinos e dos cafés, para tomarem contacto com a natureza livre de artifícios e com a vida real, árdua e penosa dos homens do mar e da terra.

Quando o mar está bravo e os barcos vão lá fora, há perspectivas de tragédia, previsões de naufrágio.

Mulheres, à porta da capela — sentinela das almas, posta onde a aldeia acaba e o mar começa — imploram à virgem, ou erguem a Deus os filhos nos braços. No ar, andam a perder-se e vão misturar-se, com o cascalhar das ondas, os praguejos dos homens.

Não se assiste a um espectáculo dêstes sem emoção profunda, sem lágrimas nos olhos.

Nunca esquecerei a figura de desespêro e mágoa de um garôto — dez anos tisnados de sol e batidos de mar — que há dias, quando a tragédia esteve prestes, de punhos cerrados, numa ameaça, gritou à vaga: — Eh! mar! Deix'ó mê pai! E, a rematar, uma violenta praga, foi atirada aos quatro ventos, mas dita com tanta alma, tão saída do coração, que davam ganas à gente de repeti-la! Dir-se-ia que o mar ouviu. Foi abrandando, pouco a pouco; os barcos partiram e voltaram... Quem vier ver esta praia, bordada de rêdes — que rêdes são rendas de pescadores — com fímbrias de espuma, que é renda também, ao abalar, cheinho de beleza, de mar e de sol, encantado com a cativante hospitalidade que lhe dispensaram, leve em pensamento a idéia de que, à imagem da «aldeia mais portuguesa», ela poderia ganhar, em concurso, gracioso «batel de prata», pôsto no Altar da Senhora que tem capela erguida em frente ao mar — que no subir das marés lhe vem desfiar à roda o seu rosário de espumas.

FOTOS DO DR. ROCHA BRITO

Dois dos mais interessantes óleos de Mart Huguenin, apresentados no S. P. N.

EXPOSIÇÃO DE MART HUGUENIN NO S. P. N.

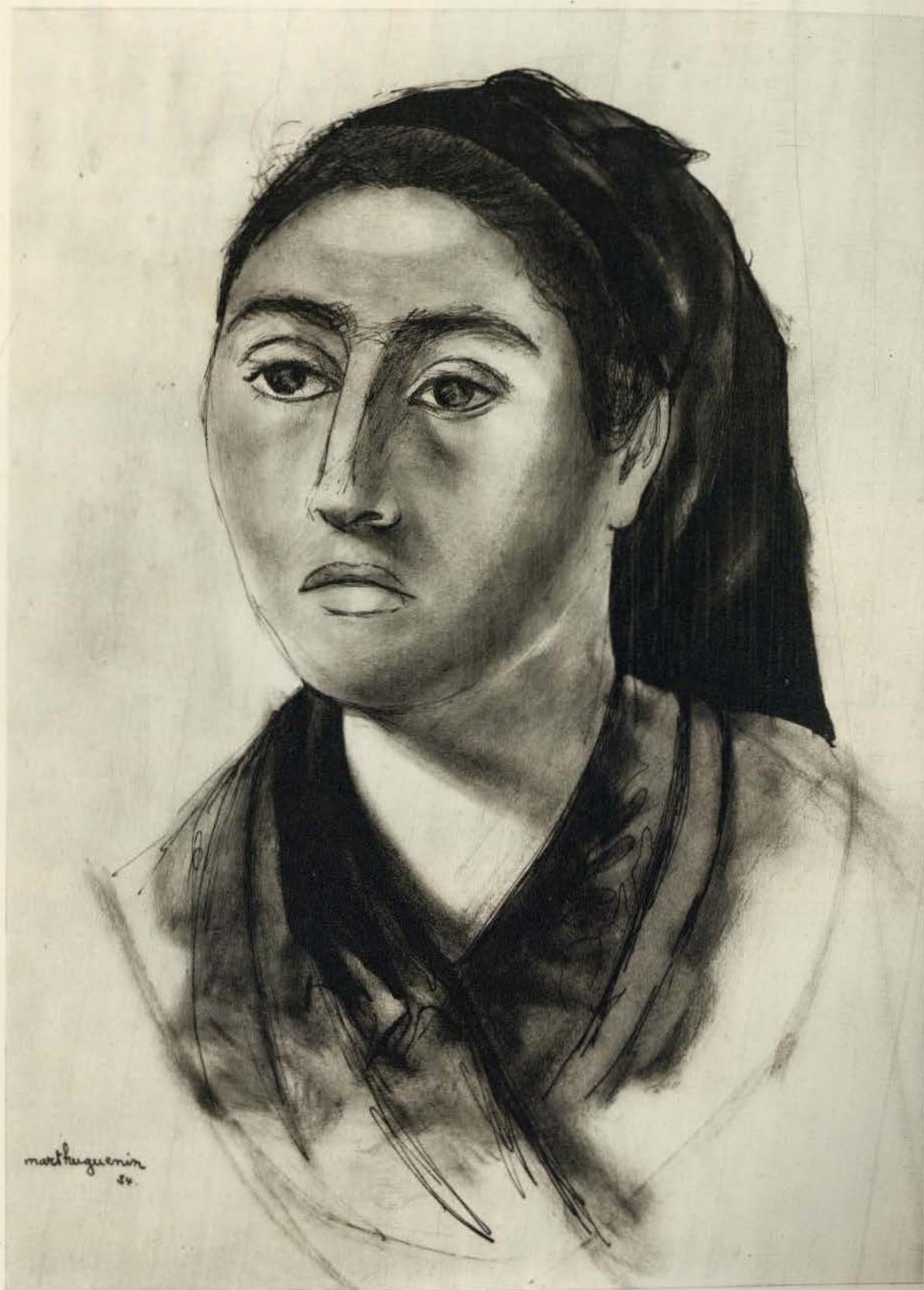
O que pode parecer infantil à maior parte das pessoas que passeiam o seu humor ao longo de uma exposição de pintura, — infantil pela natureza do tema, o inusitado da composição ou a extrema economia de processos técnicos — não é mais, algumas vezes, que um decidido e admirável sintoma de amadurecimento do artista.

Foi lapidar, a êsse respeito, a profunda ironia de Delacroix: — «Nós, crianças, somos dotados de faculdades infinitamente superiores às dos homens feitos». E é sempre bom recordar-se, a propósito dêste mal-entendido, porventura sem remédio, o caso modelar da evolução de Cézanne, que foi conquistando laboriosamente essas virtudes da *infância* à medida que ia envelhecendo. Não se diga, porém, mais uma vez, que só o nosso público é que não entende êstes prodígios da arte, porque o pintor e crítico André Lhote se queixava amargamente de que nunca o público francês soube apreciar as últimas — ou seja as mais importantes produções do Mestre.

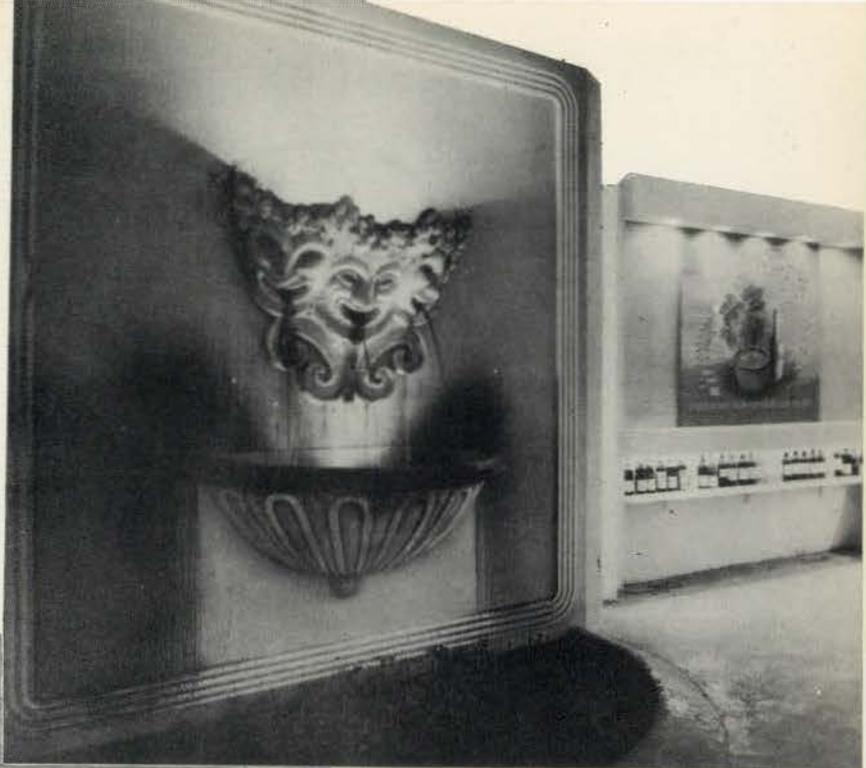
Há uma graça que não é para fazer rir, mas sim para fazer sentir em profundidade. É essa que alguns artistas conseguem transmitir-nos, com a aparente puerilidade dos seus temas, composições e processos. Na imprevista, na prodigiosa linha *cézannesca* — «Nós, crianças...».

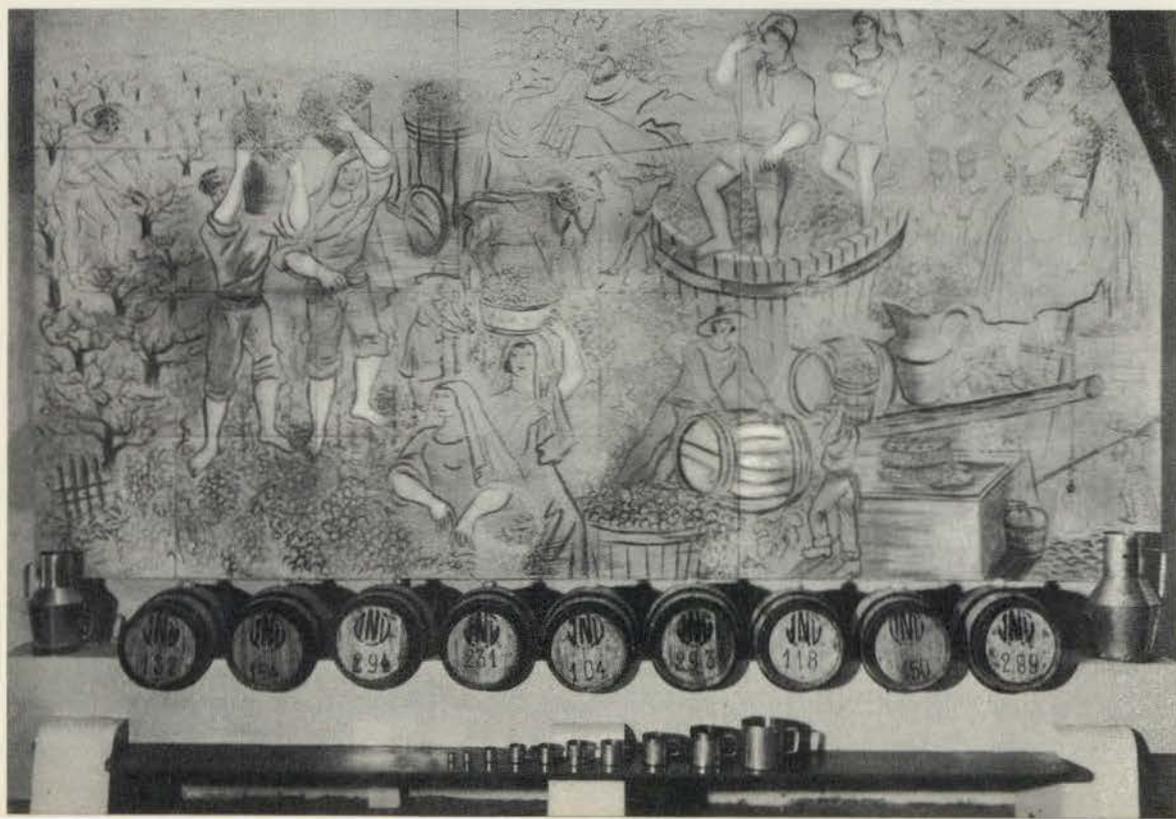
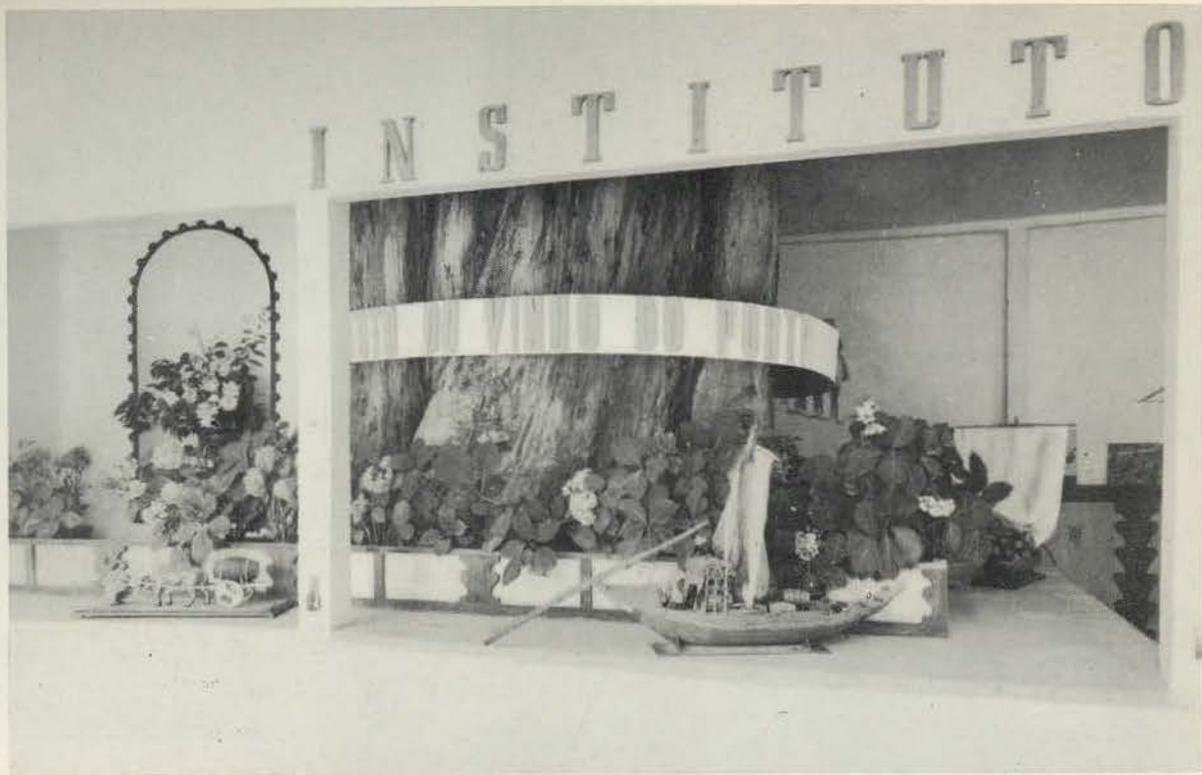
Mart Huguenin, jovem pintora que há muito reside entre nós, também podia falar assim. Porque os belos trabalhos que reüniu numa recente exposição do S. P. N. transmitem-nos essa tal graça, deixando admirar — principalmente através dos seus transparentes desenhos — a autenticidade dos seus dons, a consistência da sua visualidade e o laborioso apuramento dos seus invulgares recursos técnicos.

FERNÃO DE LISBOA

FOTOS HORACIO NOVAES

MART HUGUENIN: DESENHO

NA FEIRA POPULAR DE LISBOA

A NOTÁVEL REPRESENTAÇÃO DE ALGUNS ORGANISMOS ECONÓMICOS

FOTOS HORACIO NOVAES

Diversos pormenores do interessante «Stand» da Junta Nacional do Vinho, cujas decorações atraem a curiosidade dos freqüentadores da Feira Popular de Lisboa, em Palhavã.

TÔDAS as grandes cidades, quando o calor estival aperta e a freqüência do ar-livre se impõe, carecem de vastos e animados centros de diversão, como é êste da Feira Popular de Lisboa, que o jornal «O Século» montou em Palhavã, no ano passado, e que êste ano abriu de novo, com êxito ainda maior. Agora, mal cai a tarde, vai-se escoando para lá grande parte da população, ansiosa por refrescar-se e retemperar o espírito das canseiras e aborrecimentos da labuta diária. E é curioso observar como as várias classes sociais ali se misturam, sem distinção de idades nem aparente divergência de gôstos.

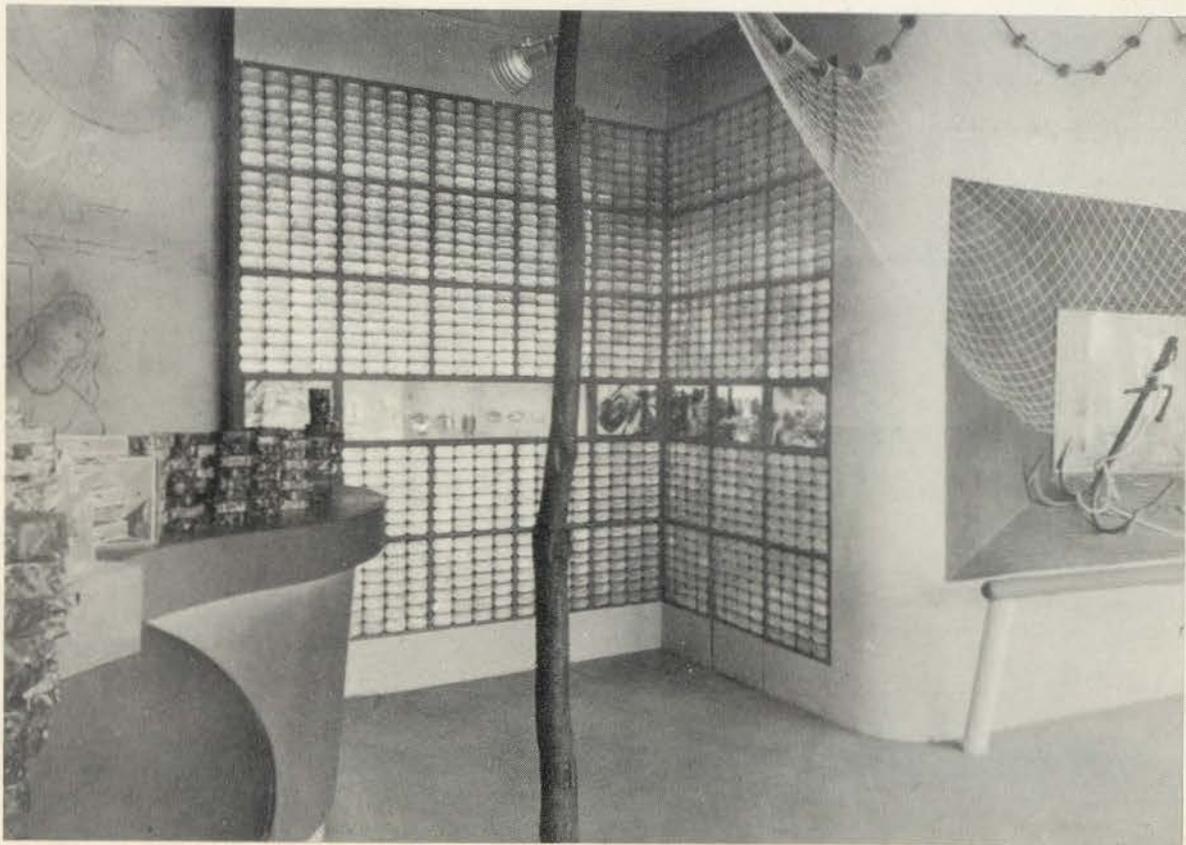
A Feira Popular tem certo carácter que a distingue de tôdas as outras. Sobretudo pela pitoresca barafunda de géneros: — mixto de «luna-park», de «verbena», de arraial provinciano e de feira de amostras.

As barracas de propaganda, com as suas vistosas ornamentações dão-lhe um encanto parti-

Dois aspectos do «Stand» do Instituto do Vinho do Pôrto. Em baixo: Um recanto do «bar», muito freqüentado pelos visitantes.

FOTOS HORACIO NOVAES

cular e atraem a curiosidade das gentes. É o que êste ano acontece com os novos e belos «stands» que o Ministério da Economia animou alguns organismos de coordenação económica a instalar no recinto: — a Junta Nacional do Vinho, o Instituto do Vinho do Pôrto, o Instituto Português

A representação do Instituto Português de Conservas de Peixe também é notável. Na decoração do «Stand», com pinturas murais e foto-montagens, as próprias latas desempenham importante e original papel.

de Conservas de Peixe e a Junta Nacional da Cortiça.

O projecto arquitectónico do atraente pavilhão que engloba os referidos «stands» é da autoria de Jorge Segurado. Dos interessantes arranjos decorativos, foram encarregados os artistas: Fred Kradolfer, Bernardo Marques, Carlos Botelho, José Rocha e José Luiz Brandão.

Pormenores da magnífica representação da Junta Nacional da Cortiça no pavilhão do Ministério da Economia.

FOTOS HORACIO NOVAES

O CAFÉ COLONIAL NA FEIRA POPULAR

FOTOS HORACIO NOVAES

NEM tôda a nossa África estava por nós descoberta!... Os portugueses da Metrópole só há pouco tempo tomaram contacto assíduo com essa antiga e saborosa realidade que é o café colonial. O «stand» de propaganda que a Junta de Exportação do Café Colonial fez instalar na Feira Popular de Lisboa (e cujo projecto é do arquitecto Jorge Segurado) facilita aos freqüentadores a apreciação da excelência incomparável da sua qualidade e do seu gôsto.

PRAIA DO CARVOEIRO

por Maria José

Só quem aprecie e admire a singela graciosidade que os elementos naturais apresentam, quando o engenho humano ainda os não retocou, sente, ao visitar Carvoeiro a saüdade que nos deixa tudo o que a sensibilidade regista por agradável impressionismo.

Mas a beleza própria dos seus recursos naturais, a esplêndida situação que desfruta nessa estuante linha de costa algarvia, incrustada de majestosos rochedos, deixam-na um pouco abandonada a si própria e um tanto esquecida dos homens, da civilização.

Chegados à povoação, acanhada e alegre, não nos enganamos na rampa que desce, desce até à praia. Então os olhos sorriem encantados.

A praia é pequenina, na verdade. Desenhada quási em anfiteatro, enternece-nos pela graça despreocupada e atraente de tão reduzido espaço. Rodeiam-na enormes rochas que, altaneiras, avançam em duas pontas pelo mar.

E o Oceano, verde e límpido, de uma transparência invulgar, vem morrer em alto e caprichoso rendilhado de espuma, depois de beijar aquelas pedras carcomidas e escuras.

Praia de bonecas! Bonecas com alma e sangue e nervos, que se extasiam na amplidão infinda da sua pequenez — o incomensurável recorte, que as silhuetas dos rochedos esboçam, tornam grandiosa essa minúscula amostra de areia doirada.

À direita, a umas dezenas de metros de altura, debruçam-se sôbre o mar algumas casitas que, nos dias calmos, se miram nas águas que quási param lá em baixo.

À esquerda, e em subida mais agradável que penosa, a estrada leva-nos à Capela da Senhora da Encarnação, construída sôbre uma extensa formação de terciário lacustre.

A Comissão Municipal de Turismo procurou mandar abrir essa estrada de forma que, na subida, se pudesse ir olhando sempre o mar.

Esperam-nos lá em cima as ruínas da Bateria e a Capelinha, de comovedora simplicidade, onde o pescador acorre cheio de fé, de esperança... A Virgem faz-lhe sempre um milagre... A Virgem o há-de livrar da morte no leito das ondas. E como as ondas, a gente do mar vai e vem em romagem piedosa fazer oração aos pés da pequenina Imagem, e depois, em frente à Capela, se ficam a descortinar os segredos do Mar e do Tempo.

No dia da festa da Senhora da Encarnação — quarto domingo de Agôsto — enche-se a praia com a gente moça das redondezas.

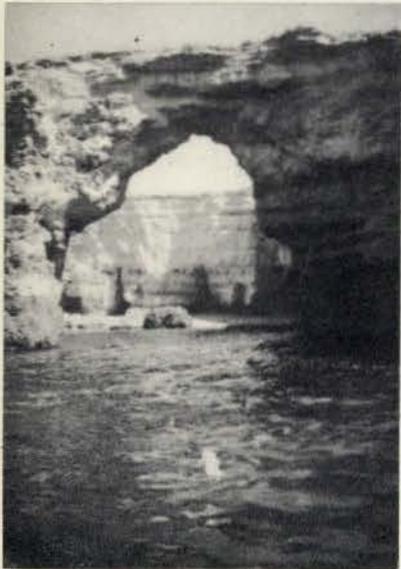
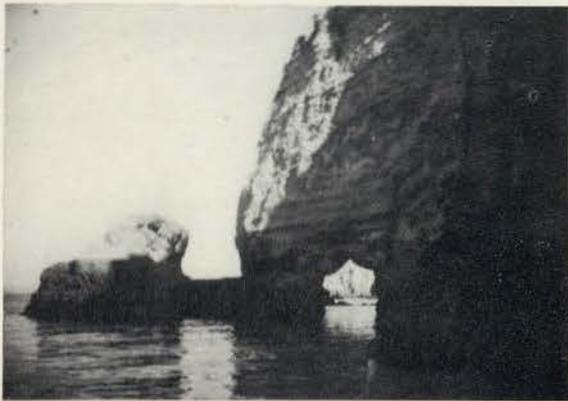
São raparigas morenas e frescas de olhos ardentes e trajos garridos, que vêm mostrar a saia nova ou a blusa de sêda e pedir à Virgem um conversado. São mocetões de face escurecida pelo sol e mãos calejadas de moirejar, todos direitos nos seus fatos escuros. Quási sorriem quando olham a flor rubra da lapela.

E todos, novos e velhos, ricos e pobres, se encorporam na procissão que dá a volta pela praia, mesmo à beirinha de água.

O sol já vai longe. Mas com pena de partir, tinge ainda de rosado a brancura do casario e faz brilhar as arrecadas de oiro e as jóias falsas das raprigas.

A tarde está feita.

O som agudo das sereias das galés, que antes de se fazerem ao largo se despedem da Virgem, impressiona-nos profundamente. Sente-se que um místico fervor perpassa por todos nós.

(Continua na pág. VI)

Carvoeiro — Arcos da Marinha. — Vista do mar. — Rampa para o «Paraiso». — Arco do «Algar Sêco». — Furna do Arquinho. — Campanário da Ermida. — Furna Triunfal. — Rochedo da «Janela das Fadas»

A pintura de Júlio (Júlio dos Reis Pereira é o seu nome completo) era, de facto, poèticamente caprichosa. Mais sonhadas do que vistas pareciam aquelas figuras, atitudes e objectos que o artista interpretava.

É que Júlio também é poeta; poeta quando pinta, quando compõe versos — que êle assina com o pseudónimo de Saúl Dias — e quando desenha.

Júlio vive longe dos centros artísticos, numa velha cidade da Província. Mas não dorme. — Sonha. Sonhar e contar os seus sonhos é a missão dos artistas da sua estirpe.

Os desenhos que publicamos nestas páginas são fragmentos do seu sonho — contados com uma graça e um poder de encantamento a que não devem ser insensíveis muitos leitores do PANORAMA.

TRÊS DESENHOS POÉTICOS DE JÚLIO

Em certa exposição colectiva que há perto de quinze anos se realizou em Lisboa, apareceram, pela primeira vez, alguns quadros a óleo assinados por Júlio. O interessante certame intitulava-se «de arte moderna» mas, assim mesmo, êsses quadros provocaram verdadeiro escândalo, até entre os da *vanguarda*, de tal forma neles se mostravam audaciosos o colorido, a fantasia dos temas, o capricho poético da composição.

TURISMO

BOLETIM MENSAL DE

EDITADO PELO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

CONVIDADO pelo Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular, visitou, há poucos meses, o nosso país o Director dos **SERVIÇOS DE TURISMO DE ESPANHA**, Sr. D. Luís Bolín, antigo jornalista de alta categoria internacional que tem desenvolvido no país vizinho larga e eficiente actividade nos vários sectores ligados à organização turística.

Interrogado ao microfone da Emissora Nacional — após a sua visita à Pousada de Elvas — àcêrca do projectado intercâmbio turístico com Espanha, D. Luís Bolín fêz as seguintes afirmações: — «O turismo internacional peninsular não se desenvolveu mais, durante os últimos anos, devido às circunstâncias especiais criadas pela guerra mundial Grande número de espanhois desejariam visitar Portugal, e estou certo de que muitos portugueses iriam a Espanha, se o intercâmbio estivesse devidamente organizado. Não desesperemos, no entanto, que êle venha, algum dia, a estar; os benefícios morais e materiais que produziria são, como se calcula, suficientes para compensar as dificuldades e obstáculos que pudessem surgir».

Referindo-se, depois, ao passeio que acabara de fazer, D Luís Bolín disse o seguinte: — «Tôdas as impressões que colhi desta viagem a Portugal são excelentes e tôdas encerram proveitosos ensinamentos para mim. Como sempre, pareceu-me a fronteira portuguesa um modêlo de eficácia, de amabilidade e de limpeza. A Pousada de Elvas foi uma surprêsa inesquecível, pelo bom gôsto com que está instalada e decorada, a graça dos objectos de arte popular — que constituem importante elemento de atracção — e o bom serviço que distingue a hospedagem.»

Falando de Lisboa, o ilustre visitante declarou que lhe causaram profunda admiração a Auto-Estrada, o Stadium e a Estrada Marginal e, também, «o desenvolvimento da maravilhosa Costa do Sol, destinada a gozar um esplendido futuro, quando vier a paz».

Sabemos que, depois da visita às Pousadas do norte, realizada na companhia do Sr. António Ferro e de funcionários superiores dos nossos Serviços de Turismo, D. Luís Bolín confirmou, amàvelmente em termos calorosos, as boas impressões que lhe proporcionou a viagem.

O QUE HÁ EM S. BRÁS-DE-ALPORTEL DIGNO DE ATENÇÃO

POUSADA DE SÃO BRÁS

Está edificada no sítio de Poço dos Ferreiros, junto à Estrada Nacional 19-1.ª, no monte de S. Brás de Alportel, 12 km. ao sul do cruzamento da Estrada de Almodóvar para Messines e a 5 km. ao norte de S. Brás de Alportel.

PREÇOS

Diária: (quarto com casa de banho e incluindo pequeno almôço)

pessoa só	90$00
casal	150$00

Só quarto: (incluindo banho e pequeno almôço)

pessoa só	50$00
casal	80$00

(quarto sem casa de banho)

Diária:

pessoa só	40$00
casal	70$00

Refeições:

jantar ou almôço	25$00
Peq. almôço, completo	9$00

PANORÂMAS E EXCURSÕES

A Altura do Corotelo, uma das mais lindas do Algarve.

Excursão a Vilarinho, Sanatório Carlos Vasconcelos Pôrto, Corotelo — por Bordeira ou Vilarinhos — e Fonte Férrea (Alportel).

LEIA NESTE BOLETIM O ARTIGO ACÊRCA DA PAISAGEM QUE RODEIA A POUSADA DE S. BRÁS-DE-ALPORTEL

FEIRAS, FESTAS E ROMARIAS

Festas anuais: de S. Brás, em 2 e 3 de Fevereiro, na vila; nos 1.os sábado e domingo de Setembro, na vila.

Festas tradicionais: «dos Passos», no 4.º domingo de Quaresma, na vila; «da Semana Santa», na 5.ª e 6.ª feira, com procissões nocturnas, na vila; «do Domingo de Páscoa», com procissão; de Santo António, em 13 de Junho, de S. João em 24 de Junho e de S. Pedro, em 29 de Junho.

Romaria, «do 1.º de Maio» — de caracter pagão — com passeio ao campo, à Fonte Férrea, no sítio de Alportel (passando pela Pousada de Turismo).

DIVERSOS

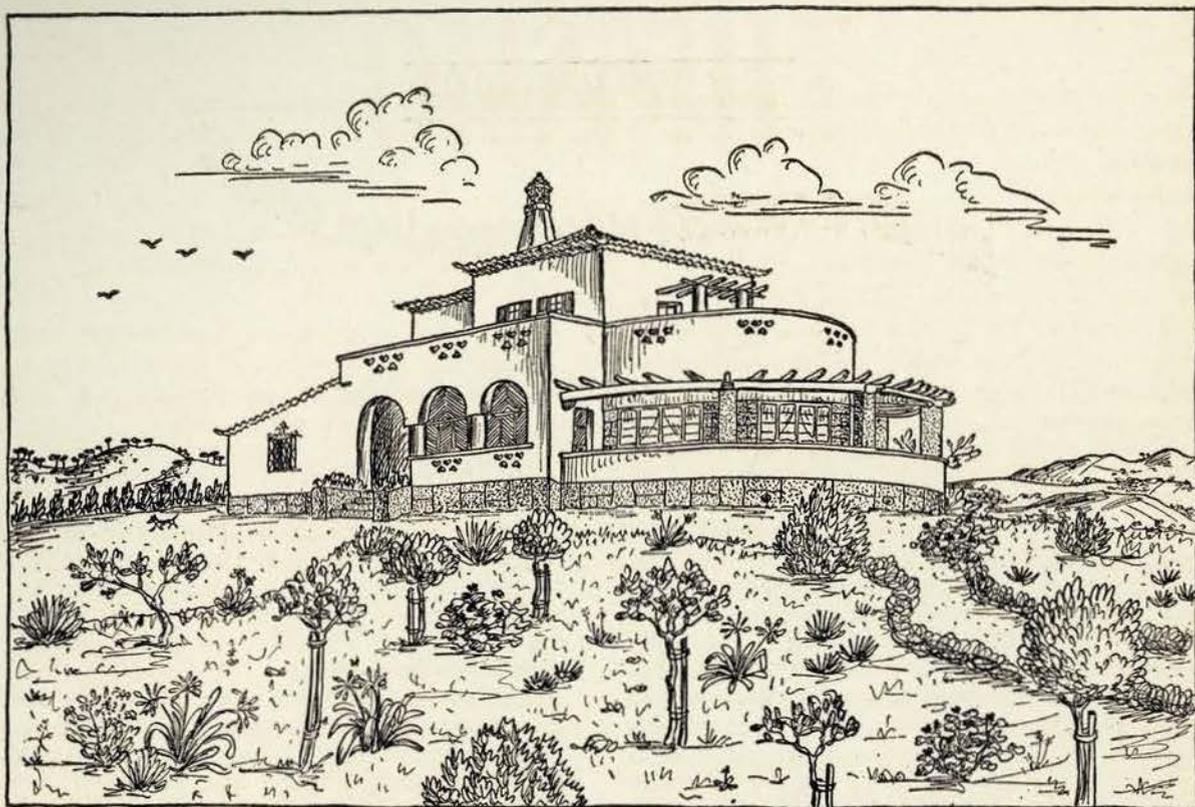
Doçaria: bôlos de amêndoas e amêndoas confeitas.

Transportes: Caminho de Ferro, servido pelas estações de Faro e de Loulé (linha do Sul e Sueste) a 17 km. da Vila; em camionete, carreira de Lisboa a Faro (Emprêsa de Viação do Algarve, Lda.).

Desportos: Caça, de espécie indígena, em abundância.

Clima: Temperado

Inverno	17°
Primavera	22°
Verão	30°
Outono	26°

Altitude: 227 metros

DIGRESSÃO TURÍSTICA À VOLTA DA

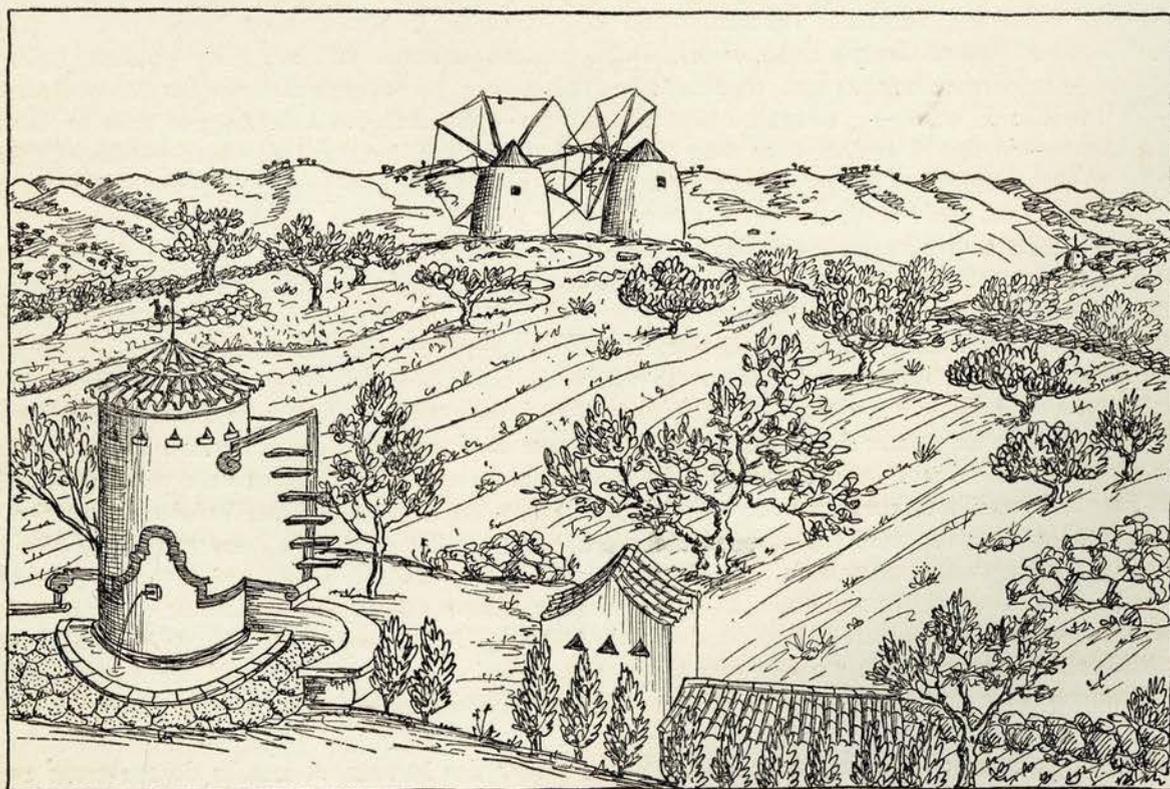
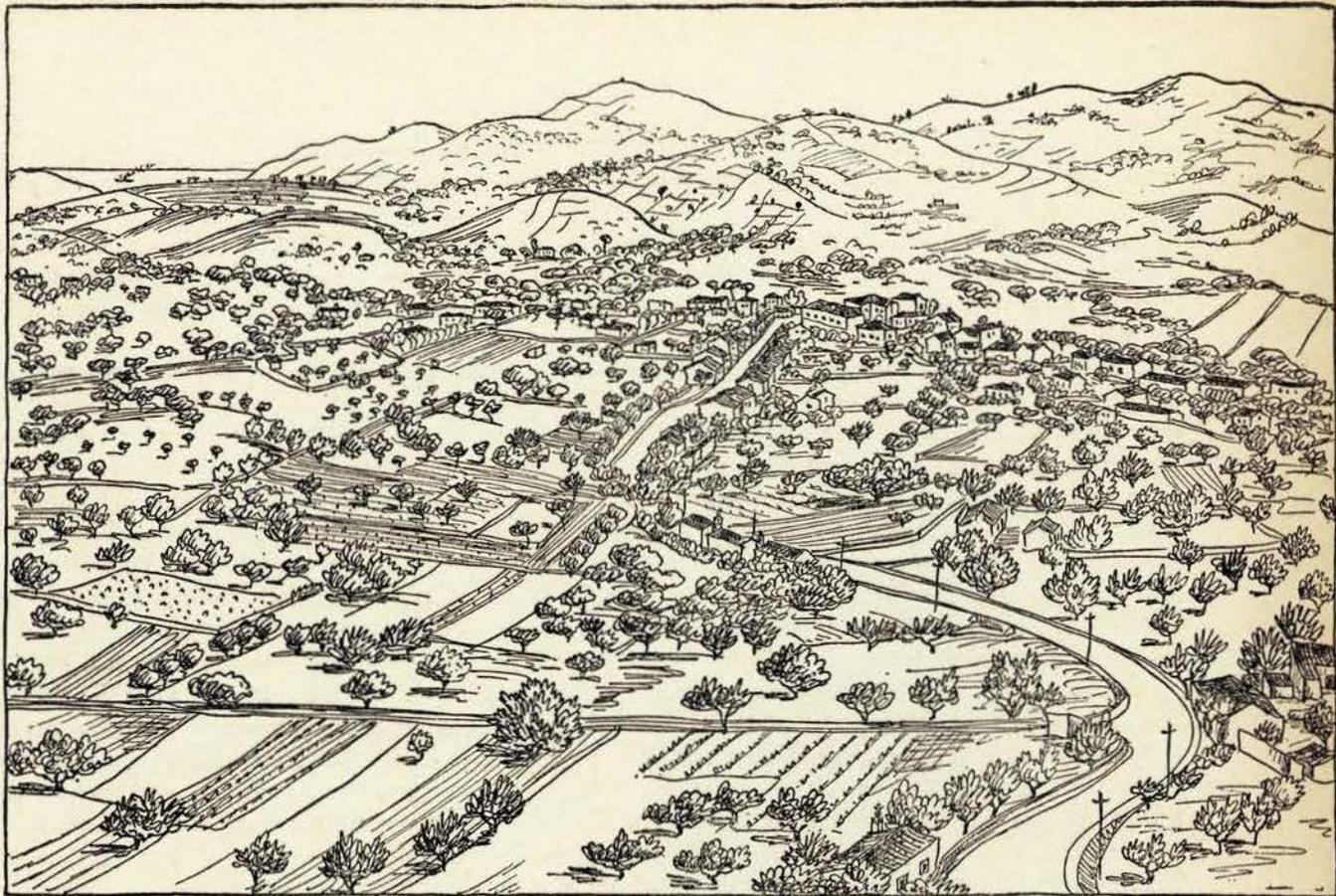
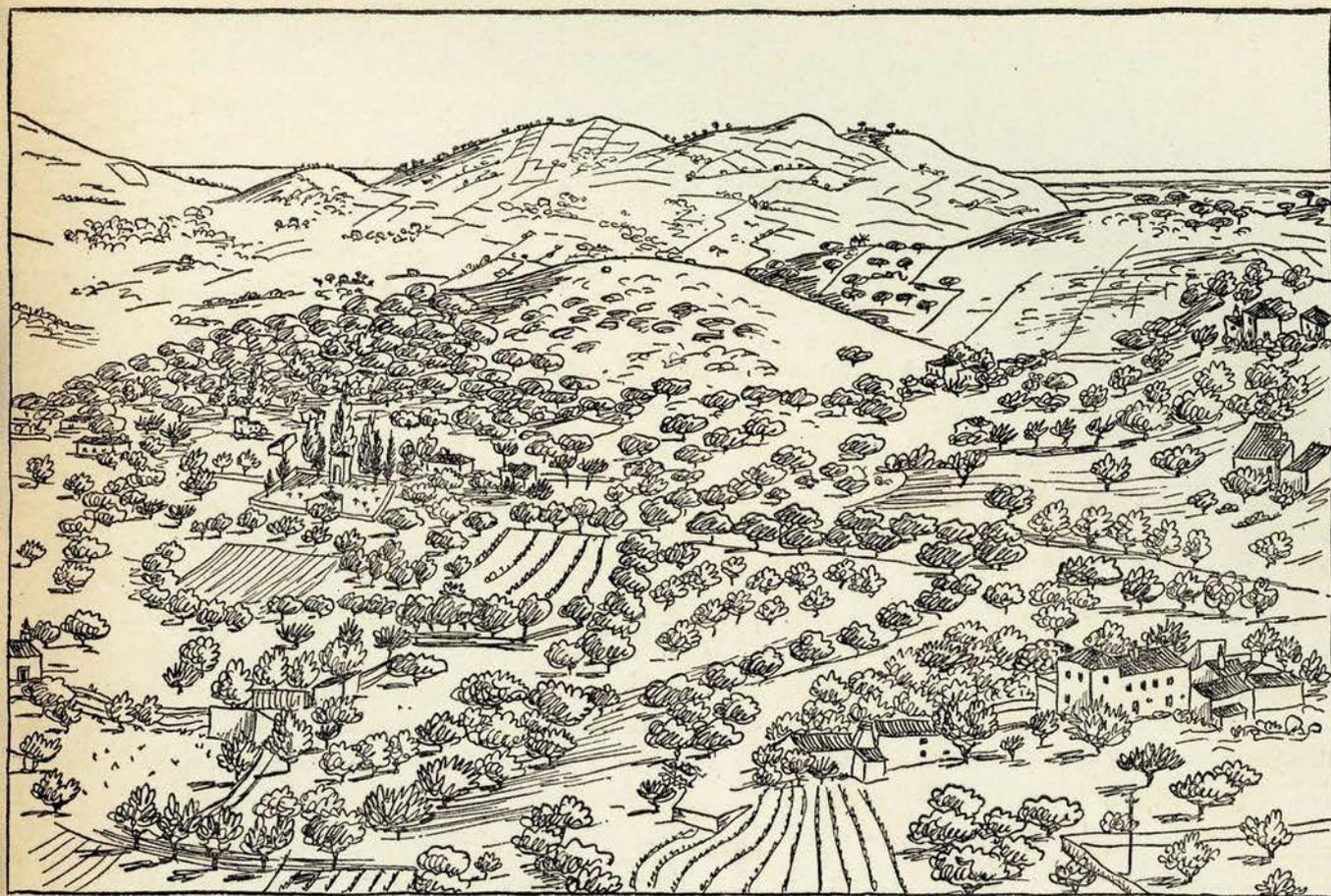
POUSADA DE SÃO BRÁS

por Armando de Aguiar

O Ministro naquele dia abalou, como de costume, numa velocidade vertiginosa. Cacilhas, Azeitão, Setúbal foram vencidas em pouco tempo. Para lá de Águas de Moura, se bem que ainda na Extremadura, a paìsagem começou a tomar feição alentejana. O sol ia ganhando altura, lentamente, aquecendo a campina que emoldurava a faixa escura da estrada. Em volta desdobrava-se a imensa estepe, campos e campos de trigo, maciços verde-negros de azinheiros e sobreiros, a solidão sempre infinita, sempre igual... Só o motor do carro, naquele meio-dia de Junho estival, quebrava a calma que se prolongava por léguas e léguas onde as cigarras, em côro, punham um cântico festivo na natureza dominada pelo Sol. Nem um fio de água... Nem um pássaro cruzando o céu em fogo... Silêncio profundo, como se o Sol abrasador que caía das alturas, tivesse adormecido para sempre os homens e a Natureza.

O automóvel do ministro galgou, depois, os contrafortes da cordilheira, logo que Almodôvar se perdeu de vista. São cinqüenta quilómetros de curvas, ásperas, apertadas, quási assassinas, em que o volante tem de conservar tôda a sua calma, sem um desvio, sem uma hesitação... E em que a paìsagem doentia, triste, amarfanhada pela fôrça indomável da Natureza, parece erguer um côro de queixumes a Deus e aos homens. Trezentas e cinqüenta curvas, contadas uma a uma, na travessia da serra escalvada, num galgar de distâncias e de alturas, dominando as fôrças brutas de uma orografia que não tem nada, mesmo nada, de poético. Mas, depois, um sonho...

O Ministro, nêsse dia, ia até ao Algarve numa missão de artista: escolher o local para uma Pousada

que fôsse o albergue de quantos turistas percorrem o país em peregrinações de arte, descobrindo as terras que oito séculos de história ergueram, pacientemente, através de gerações e gerações de portugueses.
Assim nasceu a Pousada de S. Brás erguida no alto de um cabêço, rodeada de árvores frondosas, tôda a flora da região algarvia. Amendoeiras, cuja flor é o mais lindo ramo de noivado da terra portuguesa; alfarrobeiras misteriosas, lendárias, de perfumes capitosos e as figueiras bíblicas onde a traïção um dia se refugiou para se remir dos seus pecados.
S. Brás fica de um lado. É mesmo o primeiro amontoado branco que os nossos olhos abarcam quando chegam ao alto da serra e são inundados pela luz clara do Algarve florido, província de Portugal, reino de fadas encantadas e de príncipes árabes que ainda hoje percorrem, em cavalgadas de sonho, as estradas e os caminhos ínvios dêsse país de maravilha. Há ainda um miradoiro debruçado sôbre os alcantis da serra. Nada mais. Mas terminou já todo o pesadelo da estepe alentejana e são horas, e mais que horas, de almoçar. Subimos até à Pousada de S. Brás. Trepamos por um caminho largo, bem tratado, onde começam a despontar mil flores, e a Pousada que o Ministério das Obras Públicas mandou construir e que o Secretariado decorou, encontra-se na nossa frente, acolhedora, hospitaleira, de portas bem abertas, onde nos aguarda um almôço apetitoso, pratos de todo o Portugal, vinhos, e dos melhores, de tôdas as adegas do país, frutas, doces — os célebres doces algarvios de amêndoa, ovos e figos e sorrisos acolhedores, alegres, sadios dos concessionários da Pousada, afilhados de S. Brás...
Do outro lado avista-se Alportel, tôda caiadinha de branco, com as suas chaminés filigranadas, caracterìsticamente algarvias, marcando uma transição acentuada, da maior província de Portugal metropolitano, para o famoso reino dos Algarves. Em volta, a paìsagem é mais de sonho que real. Serras, penedias, jardins suspensos em jeito babilónico. Ao fundo, entre o corte suave de duas cordilheiras, o mar infinito, eterna estrada de glória de Portugal, que todos nós todos temos ganas de percorrer, na repetição das mil aventuras dos séculos de quatrocentos e quinhentos.
Em boa verdade, tudo oferece a Pousada de S. Brás para ali se passarem cinco dias felizes,

longe de todos os ruídos, com tôdas as comodidades — desde uma boa mesa a um bom quarto — num ambiente acolhedor, simpático, atraente. Numa sala de jantar espaçosa, decorada com o fino gôsto que preside a todos os serviços artísticos do S. P. N., triunfo dos motivos da região — barros, tapêtes, esteiras — encontra-se sempre uma ementa onde predominam os peixes nobres do mar dos Algarves — da sardinha ao atum — ; os mais apetitosos mariscos — das amêijoas à lagosta; as mais sedutoras das frutas — do figo à amêndoa; os mais lindos e frescos doces, inesquecíveis doces — êsses «D. Rodrigos» — num conjunto de fazer crescer água na bôca ao mais intransigente dos... vegetarianos.
Cinco quartos em estilo rústico, mobilados com gôsto e sobriedade, onde os viajantes encontram belas camas para descansar, dominam três das fachadas da Pousada — ao nordeste, ao sul e ao poente. Casas de banho, com todos os serviços de higiene confirmam o princípio de que a saúde do corpo é tão indispensável como a saúde do espírito.
Para as noites de inverno, um fogão enorme, na sala de jantar que, simultâneamente, sala de conversa, põe no ambiente um sinal de confôrto que só o aprecia, devidamente, quem alguma vez se utilizou dêle.
A Pousada de S. Brás, a menos de 300 quilómetros de Lisboa, está ao alcance de Évora e Beja depois de uma jornada de poucas horas. As terras do Algarve são-lhe quási tôdas limítrofes. Faro, a capital da província, dista-lhe 17 quilómetros; Olhão, a vila mais característica do Algarve, a pouco mais está; de Tavira, é caminhada para uma hora. Vila-Real-de-Santo-António, na foz do Guadiana, fronteira a Ayamonte, e Castro-Marim, são as que se encontram mais retiradas para o lado do ocidente, à distância de um agradável passeio de automóvel.
Mas há mais. Todo o Algarve é um jardim e as cidades, vilas e aldeias são canteiros de flores em volta de S. Brás. Loulé, formigueiro humano, berço do Ministro; Boliqueime, Portimão, a vila-cidade onde a indústria da pesca atingiu um alto grau de progresso, e essa encantadora Praia da Rocha, capricho de Deus numa tarde de tédio quando andava por êste mundo construindo tanta coisa bonita, tanta coisa cheia de beleza.
S. Brás, o patrono, deve encontrar-se satisfeito com a obra dos homens. A escolha do seu nome para

símbolo da hospitalidade de um povo que foi berço da marinharia em Portugal e em cuja terra se feriram os últimos combates entre cristãos e mouros pela supremacia da Fé contra a descrença, sinaliza a fronteira de entre o bem-estar e o desconfôrto e está ali, no alto do cabeço, a afirmar aos viajantes que cruzam as terras alentejanas e algarvias, que podem acolher-se àquêle teto porque ali terão sempre de beber e de comer.

Para o automobilista que entra no Algarve, depois de ter devorado as centenas de quilómetros do Alentejo, a Pousada de S. Brás assemelha-se a um oásis que o acolhe de braços abertos. Todo o cansaço, a fadiga e mal-estar de uma travessia demorada, sob a canícula fustigante de um Sol forte, desaparece e se esquece quando o carro estaca junto da Pousada e uma moça garrida, simpática, desenxovalhada, um sorriso de alegria a brincar-lhe nos lábios — verdadeira margarida em botão — nos surge na soleira da porta num gesto simples, hospitaleiro. Para quem abale de qualquer ponto do Algarve, rumo à capital, deve repousar, também, naquela Pousada antes de se abalançar à estrada torcida, agreste, que desce a serra em jeitos de serpente gigante.

De uma varanda circular, o panorama é deslumbrante. E o ar que se respira limpa, definitivamente, os pulmões de todos os micróbios que a cidade fêz ali alojar. Quem goste de alpinismo, tem perto onde pôr à prova a rijeza dos seus músculos trepando serras ou galgando por veredas de cabras. Mas quem prefira uma sombra macia, só tem que dar meia dúzia de passos: as amedoeiras e as alfarrobeiras são os melhores guarda-sóis que o Algarve pode oferecer. Dois moinhos perto dão a indispensável nota bucólica ao «plateau», num buzinar prolongado, dia e noite, noite e dia, quando o trigo e o milho não faltam.

Combóios e camionetas passam perto de S. Brás. Os primeiros, a menos de 17 quilómetros, nas estações de Loulé ou de Faro. As segundas, lá em baixo, no leito da estrada, ligando a capital do país e do Império — Lisboa — à capital do antigo reino dos Algarves — Faro. E S. Brás, do alto da sua montanha, é a sentinela vigilante a abençoar e a velar pelas vidas dos que percorrem o sul do país em digressão turística. Que hoje já não oferece perigos, nem dificuldades de monta. Há estradas e há Pousadas.

(DESENHOS DE ANNE MARIE JAUSSE)

TERMAS DE PORTUGAL

POR

ARMANDO NARCISO

CHEGOU o verão e com êle a freqüência das praias e termas. Portugal, com o seu longo litoral, estirado do norte ao sul e do poente ao nascente, é um País rico de lindas e soalheiras praias e, com a sua constituïção geológica especial, igualmente rico de pitorescas e proveitosas termas. E é das termas que vamos aqui tratar. Ainda que o Norte seja mais abundante de águas medicinais, não há província onde as termas não alvejem enquadradas na païsagem soberba e variada. Mas não é só a païsagem que valoriza as nossas termas: as águas medicinais que nelas brotam são, quási sempre, de composição preciosa, podendo ser comparadas às mais afamadas do Mundo.

Lá no extremo norte, no viçoso Minho, encontramos Melgaço e Monção, e, no coração desta mesma província, as Caldas do Gerez espreitam de uma dobra da serra e Caldelas espraiam-se na várzea fecunda. No Douro encontramos Taipas e Vizela, perto de Guimarães, e Caldas da Saúde, junto de Santo-Tirso, rodeadas de pomares perfumados e de águas correntes. Na região de Entre os Rios ficam S. Vicente e Tôrre, emolduradas na verdura das margens verdejantes. E, subindo o vale do Douro, em pleno País do Vinho, Canaveses, Moledo e Aregos acoitam-se entre vinhedos.

Não esqueçamos, nas terras altas de Traz os Montes, Pedras Salgadas, Vidago, Salus e Chaves. As primeiras três vivem no proveito do seu renome, a última esquecida dos seus pergaminhos, velhos dos tempos romanos. Voltando às terras baixas, encontramos, no Vale do Vouga, famoso e formoso, as termas de S. Pedro-do-Sul, na arcáica Vila-do-Banho-de-Lafões, que continuam a tradição histórica dos velhos tempos em que Afonso Henriques ali se tratou, como inválido de guerra. Lá no alto, Carvalhal-de-Castro-Daire principia a adquirir nome.

Subamos, agora, os contrafortes da Serra da Estrêla e logo encontramos Luso, aconchegado ao Buçaco, termas da moda, e, mais acima, as três nascentes abandonadas de S. Gemil, Alcafache e Granjal, as termas burguesas da Felgueira e os balneários rústicos da Cavaca e do Crós. Do outro lado da Serra iniciam vida rica as Termas de Caria e vivem vida modesta Manteigas e Unhais e ainda de maior modéstia os Banhos da Touca, já no sopé da montanha, junto de Alpedrinha. E em terras áridas de Salvaterra-do-Extremo, junto da raia sêca, principiam a dar que falar as Termas de Monfortinho.

Voltemos ao litoral. Entre as parreiras da Bairrada, a Curia levanta os seus palácios rodeados de parque. No baixo Mondego ficam os balneários humildes da Amieira, Bicanho e Azenha. Também não faltam termas na Extremadura, umas famosas, como Monte-Real, Caldas-da-Raínha e Estoril, outras mais modestas, mas nem por isso menos valiosas, como as das Salgadas, na Batalha; Piedade, em Alcobaça; Cucos, em Tôrres-Vedras; Santa Marta, na Ericeira. E até Lisboa, a nossa velha e sempre jovem Lisboa, não desdenha de ser também cidade de águas, com os seus estabelecimentos termais de S. Paulo e Alcaçarias.

Mais pobres de termas são as províncias ao sul do Tejo. No vale do grande rio encontramos as Fadagosas de Marvão e de Gavião. No Alentejo, dignas de citação, encontramos, em primeiro lugar Castelo-de-Vide, depois Cabeço-de-Vide, Moura e Ourives. No Algarve, as Caldas de Monchique renascem, entre o arvoredo da serra, e Benémola continua em gestação.

A païsagem que rodeia estas estâncias termais é, como ficou dito, da mais soberba e variada, e as águas

medicinais que as servem rivalizam com as melhores do Mundo. E, apesar de tudo isto, ainda nenhuma das nossas estâncias termais adquiriu renome internacional, como as grandes e famosas termas de França, Alemanha, Hungria e Eslováquia, que atraem clientela de todos os cantos do mundo!

Isto porque a nossa indústria termal continua rudimentar. De maneira geral, as condições higiénicas das nossas termas deixam a desejar, como a desejar deixam as suas instalações balneáres e habitacionais. É certo que se têm formado emprêsas termais, dirigidas por pessoas cheias de boa vontade. Mas tais emprêsas têm fracos recursos monetários e sem capitais não é possível desenvolver esta indústria como, aliás, não é possível desenvolver nenhuma outra.

Mas ¿como inverter capitais numa indústria de pequena e pobre clientela, como é a das nossas estâncias hidrológicas? A freqüência de tôdas as nossas termas não chegou ainda a atingir 40.000 banhistas. Êste número é o da freqüência de qualquer estância de águas, de segunda categoria, da França ou da Alemanha. Os nossos freqüentadores de termas são poucos, são geralmente pobres e raramente estrangeiros. E esta é a principal origem da pobreza e deficiência das nossas termas.

Portugal é um país pobre e de pequena população, não podendo alimentar, portanto, estâncias hidrológicas de grande categoria, sem auxílio da freqüência estrangeira. Torna-se, pois, necessário chamar aqüistas de fora; mas para isso é preciso remodelar e ampliar as nossas estâncias termais. É esta uma tarefa com que não pode sòzinha a indústria particular. E é também preciso promover campanha oficial de propaganda, fundada em dados científicos. (Há um quarto de século que venho prégando esta doutrina, sem ser ouvido).

Sem propaganda científica não é possível atrair estrangeiros às nossas águas e aos nossos climas; mas para ser possível a propaganda científica das nossas águas medicinais, é preciso principiar por estudá-las cientìficamente, o que só em parte está feito. A não ser a análise química, o resto está quási por fazer. Nos restantes países da Europa, que exploram águas medicinais, estas vêem sendo estudadas em institutos de hidrologia, onde médicos especializados, químicos e geólogos trabalham com afã.

Em Portugal também há institutos de hidrologia, mas são mais simbólicos do que reais, porque não têm as possibilidades materiais necessárias para o cabal desempenho da sua missão.

Também se torna necessário modificar a idéia corrente de que a exploração das termas é uma actividade de interêsse particular — e não de interêsse nacional. Sob o ponto de vista industrial, a exploração das termas é uma actividade nacional, como a exploração agrícola, mineira, piscatória, etc. Portanto, a exploração termal deve merecer o interêsse e a protecção dos Poderes Públicos, como as restantes explorações de interêsse nacional.

Mas não é sòmente sob o ponto de vista industrial que a exploração das termas deve merecer a atenção e o amparo dos altos Poderes do Estado. Também deve merecer esta protecção e êste amparo sob o ponto de vista sanitário e social. Em publicações, que fiz há pouco, disse que desde que a ciência moderna confirmou que a terapêutica termal é, na verdade, de alto proveito, no tratamento de muitas e variadas doenças crónicas, é indispensável que tôda a população de cada país possa aproveitar essa terapêutica. E, como nessa ocasião disse — e hoje aqui repito — «a saúde não é sòmente a maior riqueza de cada homem; é também a maior riqueza de cada nação».

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

Arborização do País

Para realização de trabalhos de arborização, nos distritos de Castelo-Branco, Évora, Portalegre e Setúbal, o ministro das Obras Públicas concedeu à Junta Autónoma das Estradas uma comparticipação de 200 contos.

A concessão desta verba significa o início da realização de um vasto projecto do Govêrno, que se propõe arborizar metòdicamente as estradas de todo o País. Rasgaram-se, em primeiro lugar, as vias de comunicação necessárias ao fomento da riqueza nacional, permitindo segura e rápida deslocação de matérias primas e produtos. Melhoraram-se, depois, e alicerçaram-se, para a sua função turística e de comodidade geral. E agora, feito o mais urgente, vai proceder-se a um necessário complemento.

Quantos estrangeiros têm visitado Portugal, são unânimes em admirar e louvar o muito que já fêz a Junta Autónoma das Estradas, ajardinando as bermas, plantando, aqui e além, canteiros de flores.

O Estado acaba de resolver ampliar essa obra, sistematizando-a, dividindo-a em parcelas, e propondo-se realizá-la de norte a sul. Portugueses e estrangeiros encontrarão, dentro em breve, mais e melhor que admirar e louvar por tôda a parte.

O repovoamento sistemático de florestas, a que se tem procedido, evitará que o consumo de lenhas, determinado pela falta de combustíveis durante a guerra, destrua a nossa grande riqueza florestal. A plantação de árvores em baldios e serras nuas, como em todos os pontos do país se tem feito, evita os movimentos de erosão dos terrenos, impede o assoreamento dos rios, melhora as condições climatéricas e espalha manchas de beleza por sôbre penedias ásperas. As árvores ao longo das estradas fixam o terreno dos taludes, refrescam de sombra quem passa e deleitam os olhos, favorecendo o desenvolvimento turístico.

A 1.ª Exposição Iconográfica da Figueira-da-Foz

Nos salões da Casa do Paço, na Figueira-da-Foz, foi inaugurada pelo Sr. Presidente da Câmara Municipal, no passado mês de Agôsto, uma exposição iconográfica da cidade, a qual se manteve aberta durante uma semana, registando-se numerosa concorrência.

Alguns milhares de fotografias, gravuras e quadros foram expostos, num conjunto que documentava o rápido progresso daquêle importante centro populacional, desde o seu aparecimento como modesto burgo de pescadores até à actual cidade, atraente e civilizada, dentro do nível dos nossos costumes.

A iniciativa, verdadeiramente louvável, desta *1.ª Exposição Iconográfica,* pertence ao «Grupo dos Amigos do Museu Municipal Dr. Santos Rocha» e foi patrocinada pela Comissão Municipal de Turismo.

A mesma Comissão promoveu um concurso de monografias da Figueira-da-Foz, tendo sido premiado o trabalho dos escritores Maurício Pinto e Raimundo Esteves, como o prémio de 3.000$0O.

Concurso do Cartaz de Turismo

Prosseguindo na valorização de todos os aspectos da vida portuguesa, o S. P. N. abriu recentemente mais um concurso destinado à revelação de valores individuais e ao conhecimento de regiões turísticas que não tiveram ainda uma necessária e inteligente publicidade.

Trata-se do *Concurso de Cartaz de Turismo,* para o qual se instituíram três prémios pecuniários, de 3.000, 2.000 e 1.000 Escudos.

Foi também criado um prémio especial de 2.000 Escudos, para o melhor cartaz sôbre as *Pousadas.*

Nos Serviços de Turismo do S. P. N. podem os interessados informar-se sôbre as condições dêste concurso.

Política Sanitária

Embora nos últimos anos muito se tenha feito já, nem sempre os Municípios têm correspondido às directrizes governamentais e aos auxílios que, juntamente com os incentivos, têm sido facultados para intensificar o abastecimento de águas e a construção e melhoria de rêdes de esgotos nos agregados populacionais mais importantes do País.

Por certo algumas dificuldades e critérios vários de administração, seguidos pelas autarquias locais, atrasaram a solução dêste magno problema.

Pelo importante diploma legal recentemente publicado, e de que tôda a Imprensa diária se fêz eco, dando-lhe relêvo e comentando-o como acontecimento fundamental na vida da Nação, o Govêrno oferece a todos os Municípios do País as possibilidades de fazerem o seu abastecimento de águas em condições excepcionalmente favoráveis e de fácil obtenção. Assim, no prazo máximo de 10 anos, Portugal terá dado mais um grande passo em frente na sua evolução social e no confôrto e melhoria do nível de vida de todos os seus habitantes, pois que a realização dos melhoramentos é de carácter obrigatório.

«O Paço do Caçador»

A meio da estrada que liga Bucelas ao Freixial, em local aprazível e muito pitoresco, foi recentemente fundado, com êste título, um centro desportivo de caça, pesca e tiro a chumbo.

O «Paço do Caçador» — iniciativa digna de aplauso e que devia ser imitada noutras regiões do País — tem, entre outros, os seguintes objectivos: Colaborar com os poderes públicos em tudo quanto possa contribuir para o prestígio, progresso e maior desenvolvimento da caça, da pesca e do tiro aos pombos; fundar coutadas para a criação e protecção das diferentes espécies de caça; instalar na sede (dotando-o com pessoal competente) um canil, onde os associados possam guardar os seus cães; organizar pescarias, concursos de tiro, etc.

Estas vantagens — acrescidas de poderem os associados servir-se da sede como casa de campo, para fins de semana, podendo levar as suas famílias — acarretam apenas o encargo de uma cota trimestral de 20$00.

«Panorama» regista

★ A magnífica exposição (no estúdio do S. P. N.) de Fotografias de Constantino Varela Cid, algumas das quais serão oportunamente publicadas nesta revista.

★ A meritória iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa de dotar a capital com mais 20 balneários públicos e uma piscina no bairro de Alfama.

★ A animação e alegria com que decorreram êste ano as tradicionais *Festas da Agonia,* em Viana-do-Castelo, e das *Salinas e Barrete Verde,* em Alcochete.

★ O facto de serem da autoria do nosso colaborador Horácio Novaes as fotografias que ilustram os artigos «A Serra de Monsanto» e «Do velho Bric-a-brac à moderna Galeria de Arte», publicados no nosso número anterior.

★ A idéia — parece que em marcha — de um plano de organização turística da Serra da Estrêla e das terras fronteiriças da Beira.

PANORAMA AFRICANO

(Continuação)

As caçadas às mais variadas espécies com os seus lances emocionantes e os seus imprevistos, a escalada às grandes altitudes, às mais altas montanhas, com os arriscados prazeres do alpinismo e dos largos horizontes, as óptimas estradas para os longos percursos, para a vertigem das velocidades e das distâncias sem fim, a visão das grandes quedas de água e dos rios caudalosos, a incomensurável vastidão dos desertos na sua aridez impressionante e nas suas miragens perturbadoras, a variedade infinita das populações das mais diversas raças — verdadeiro mostruário ethnográfico — em todo o pitoresco dos seus costumes e dos seus mistérios impenetráveis, no exotismo dos seus dilectos e dos seus ritos, das suas músicas, danças e batuques, de tôdas as suas insuspeitadas manifestações de arte e de bom gôsto, das suas tendências, usos e tradições.

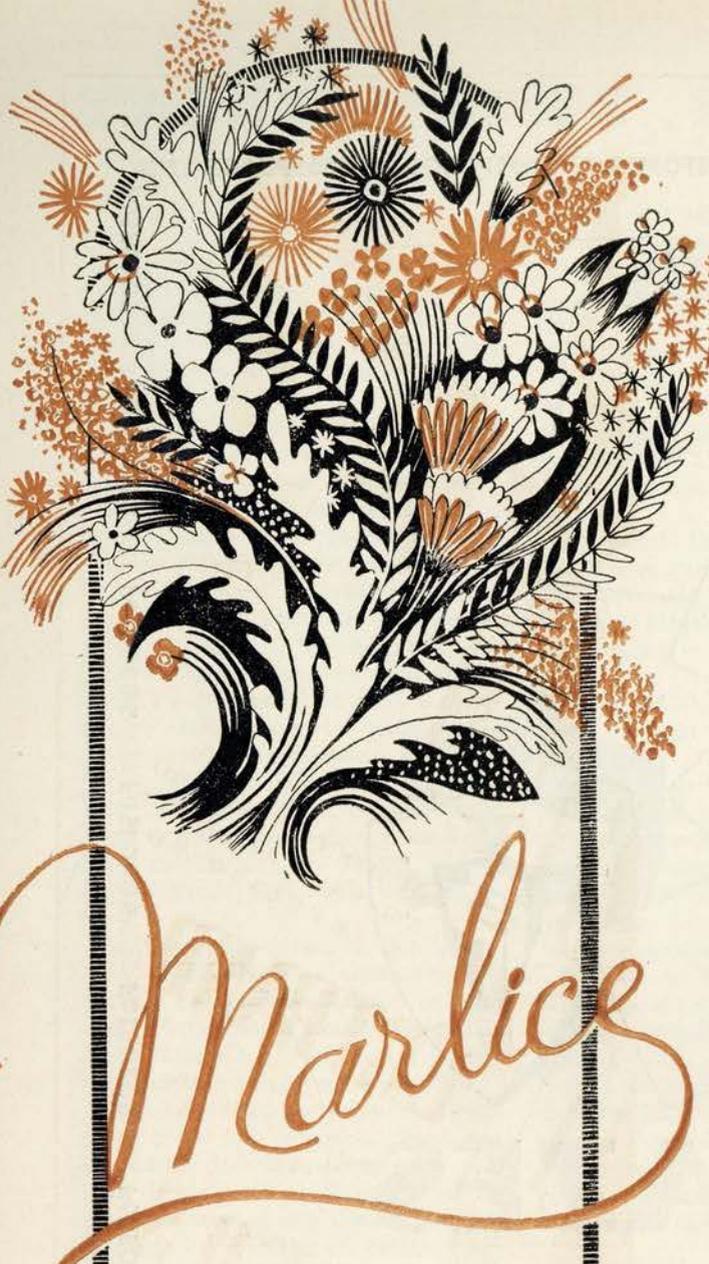
E ainda como grato estímulo do orgulho nacional, a visão dos resultados de uma longa obra tenaz e persistente de elevados fins civilizadores.

As vastas culturas, as prósperas indústrias, a progressiva exploração de tôdas as riquezas do subsolo, as largas roças com as suas perfeitas e modelares instalações a demonstrar um grande esfôrço colonizador, o desenvolvimento das vias de comunicações — a larga rêde de estradas, de vias férreas e de carreiras aéreas — o número crescente das estações radiotelegráficas, a perfeita farolagem das costas, o modelar apetrechamento dos portos, a moderna instalação dos serviços públicos, o estudo metódico e intensivo das possibilidades e o aproveitamento meticuloso e progressivo de todos os valores, a grande obra de instrução e de cultura, a humaníssima cruzada de assistência às populações.

Portugal, ainda no berço, acometido de grandes sonhos, não descansou enquanto não lhes deu realização. E desejoso de conhecer tudo o que existia e de escolher e de apreciar o que melhor pudesse satisfazer as predilecções do seu espírito de artista ávido de perfeição e de beleza, levou longos anos, vencendo as inúmeras dificuldades que se lhe antepuseram no caminho, em minuciosa procura do que a natureza de mais belo pudesse oferecer à nossa admiração.

E desde as ilhas verdejantes que logo descobriu, — jardins perdidos na vastidão dos oceanos — até às praias mais distantes e à profunda penetração em afastados continentes, pôde ter o prazer raro de ser o primeiro a contemplar as mais inesperadas maravilhas, de fazer ao mundo sensacionais revelações.

Nessa longa e perpétua peregrinação em que foi sempre guiado pela mais elevada unção religiosa, pode visionar-se a recolhida emoção espiritual do primeiro lusíada que desvendou os mistérios de uma floresta, com tôda a grandeza impressionante de catedral que a própria natureza tivesse erguido e em que os troncos seculares eram como os fortes pilares das altas naves reünindo-se em densas cúpulas de verdura, dispostas cuidadosamente para suavizar, como estranhos vitrais quási impenetráveis, a crua intensidade dos raios solares, que de outro modo poderiam vir perturbar a austera gravidade daquêle templo natural.

AUGUSTO CUNHA

SOCIEDADE COMERCIAL
REMUS, LIMITADA
SEDE: RUA DO COMÉRCIO, 8 • LISBOA
FILIAIS NO PORTO E MADRID
Telefones P. B. X. 20809-21827-23981 — Telegramas: CONSERVAS

CAFÉ, CACAU,
CÊRA, OLEAGINOSAS,
RÁFIA, CHÁ,
CRUEIRA E OUTROS
ARTIGOS COLONIAIS

Agentes Gerais em Portugal:
The Kelly Springfield Tires Company,
PNEUS KELLY — E. U. A.
PALATINE INSURANCE C.° LTD.
Companhia Inglesa de Seguros.

ATLÂNTICO
REVISTA LUSO-BRASILEIRA
DE CULTURA E LITERATURA

Leia o 5.° número

EDIÇÃO DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL E DO DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA DO BRASIL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA, 45, 2.°, D. — LISBOA

E SEMPRE UM ADMIRÁVEL EXEMPLO DE ARTES GRÁFICAS E UM VERDADEIRO EMBAIXADOR DO BOM GÔSTO

TRABALHOS EM FOTOGRAVURA

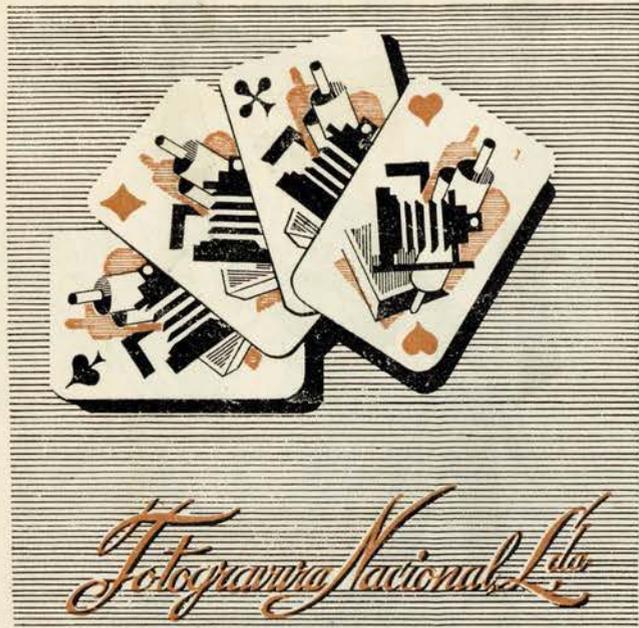



FOTO-LITO E ETIQUETAS EM METAL

TEM TODOS OS TRUNFOS PARA EXECUTAR COM RAPIDEZ E PERFEIÇÃO QUAISQUER TRABALHOS GRÁFICOS DA ESPECIALIDADE

RUA DA ROSA, 273-274 / TELEF. 2 0958

LIVRARIA TÉCNICA BUCHHOLZ

AVENIDA DA LIBERDADE, 50 • LISBOA

★★★

LIVROS PORTUGUESES E ESTRANGEIROS

EXPOSIÇÃO DE ARTE · LITERATURA

LIVROS PARA CRIANÇAS · ARTE

CIÊNCIAS NATURAIS E ESPIRITUAIS

SOCIOLOGIA · MEDICINA

ARQUITECTURA · ENGENHARIA · QUÍMICA

AGRICULTURA · INDÚSTRIAS

BATUQUE

(Continuação)

De súbito, a uma pancada sêca da goma, Lufina parou, os braços estendidos para o céu, expondo à luz o torso maravilhosamente perfeito.

Palmas e assobios assinalaram o fim da dança e tôda a gente se preparou para o grande batuque colectivo. O bater, monótono e compassado, das gomas animou aquela amálgama de gente e, em breve, todo o terreiro ficou cheio de pares que batiam o pé fazendo «fogopé», enquanto as mulheres riam como doidas, batendo palmas e dirigindo-se recìprocamente chalaças torpes. Os velhos foram-se juntando por perto de foguinhos, comentando a habilidade dos dançarinos e a perícia dos tocadores, a recordar os velhos tempos antigos de batuques sangrentos ao som dos tambores de guerra.

Em pouco tempo a batucada foi esmorecendo; os velhos sentados aos foguinhos entraram de cabecear e os tocadores, tontos de sono, foram deixando adormecer os ecos nas peles dos seus tambores.

Quando os últimos pares se retiraram, o sol, vinha violando a bruma que envolvia as colinas como manto de noivado.

ALBANO NEVES E SOUSA

A CASA DO ARTISTA LUCIEN DONNAT

(Continuação)

Num ângulo de outra janela, outro «instrumento de trabalho», o belo piano polido como um jade, no qual se refletem esguias velas verdes ou as ânforas leitosas de jarros. Ai nasceram os estribilhos do «João Pateta» e de «Maria Rita», os motivos do bailado do «Moleiro» que espera uma cena aberta, e essas melodias de Lisboa, quantas vezes filhas de uma palavra que entrou pela janela aberta, de um grito, de um pregão de varina, mote que a cidade lança a êsse seu amoroso e que, músico, poeta e pintor, sabe cantá-la tão bem.

Porque não se pode amar Portugal e compreendê-lo e exprimi-lo melhor do que o fêz Lucien Donnat sob tôdas as formas do seu talento.

É Portugal sempre que o inspira, a sua luz, o seu Tejo, e o povo, os seus símbolos e tradições. É Portugal que enfeita e enche a sua casa, o Portugal sumptuoso do Século desassete e o Portugal ingénuo das festas de aldeia.

Nos dias de verão, a escada interior, com degraus de azulejos, guardada por um S. Pedro com enormes chaves, iluminada por um lanternim de galeão, guarda a frescura dos lugares úmidos.

O «atelier» abre-se sôbre o bafo quente, desmaiado, de nardos prisioneiros para lá de grades — delicados galhardetes de renda. Uma gata siamesa, — um veludo *beige* e castanho — perfeita neste ambiente delicado e precioso, rola como uma bola junto de um *fauteuil* de cetim verde bronze.

Há dois anos, tudo isto não era mais do que um antigo refeitório de monges, meio em ruinas, o teto a desfazer-se, o sobrado festim para os ratos, as paredes cheias de mofo.

Lucien Donnat, que animou graciosas fantasias para as crianças, tocou aqui, por conta própria, com a sua varinha mágica. Como da abóbora se tirou um côche, desta grande sala abandonada fêz sair êste maravilhoso mundo onde guarda aquilo que ama: a solidão e a amizade, o sonho e a música, e a fantasia que persegue, furta-côr, nessas enormes bolas de vidro que pendurou por cima do seu leito...

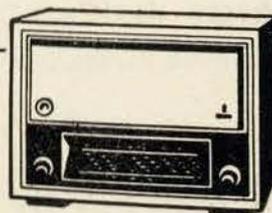
SUZANNE CHANTAL

AVENIDA PALACE HOTEL

LISBONNE / À CÔTÉ DE LA GARE CENTRALE

130 chambres / 80 avec salle de bain
Téléphone dans toutes les chambres
Chauffage centrale
Déjeuner et Dîner — Concert

AMERICAN BAR

RUA 1.° DE DEZEMBRO 123 / TELEF. 20231

SIEMENS COMPANHIA DE ELECTRICIDADE S. A. R. L. / LISBOA-PORTO

ARTIGOS PARA FOTOGRAFIA E CINEMA, REVELAÇÕES, CÓPIAS, AMPLIAÇÕES, FOTOCÓPIAS. OS MELHORES LABORATÓRIOS.

RUA NOVA DO ALMADA, 84 - LISBOA - TELEF. 2 4670

SUISSO ATLÂNTICO

Hermida *Martins, Lda*

HOTEL

UM HOTEL SOSSEGADO E CONFORTÁVEL COM PREÇOS MÓDICOS / DIRIGIDO PELOS SEUS PROPRIETÁRIOS

RUA DA GLORIA, 19 / LISBOA
TEL. P. B. X. 2 1925 / 2 7260 / 2 4216

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

VIAGENS ENTRE A EUROPA, ÁFRICA E AMÉRICAS

AGÊNCIAS EM TODOS OS PORTOS AFRICANOS E NOS PRINCIPAIS PORTOS DO MUNDO

RUA DO COMÉRCIO, 85 · LISBOA
RUA INFANTE D. HENRIQUE, 73 · PÔRTO

SINES, PRAIA ALENTEJANA

(Continuação)

E a pensão, onde se come à farta, e cujos quartos comunicam directamente com a rua, em urbano tagaté a um individualismo que não se rende?

A praia, com as suas mil e uma barraquinhas, tem, à hora do banho, um movimento que rivaliza com o da Figueira-da-Foz. O acesso dos banhistas faz-se por uma escadaria, pois a vila está situada em ponto alto, bem arejado, onde o vento não é suão mas brisa agradável, que apetece gozar sentados, cá fora, em confortáveis cadeirões de fôlha.

De cima, avista-se o farol, a uns 600 metros, sentinela vigilante na qual confiam todos os que demandam aquela parte da costa. A rajada de luz com que, de noite, risca o Oceano, é abençoada tanto pelo comandante de grande e luxuoso paquete como pelo mestre de pequeno galeão que se atrasou na pescaria e assim sabe que ali é Sines, onde o aguardam armador e família.

O Pontal é o rochedo preferido da criançada. Dezenas de miúdos, atrevidos, buliçosos, ladinos, encontram naquela pedra monstra com que desperdiçar uma manhã inteira. Só o banho os arranca do Pontal para então correrem, em abalada, até à água, onde chapinham, nadam e mergulham à vontade, sem onda traiçoeira nem redemoinho assassino que os coíba ou assuste.

Na verdade, a baía faz aquêle mar dócil e barcos e banhistas movimentam-se sem receio.

Mas Sines não possui só o condão de agradar aos amantes do mar e da pesca. Também os devotos de Santo Humberto encontram, nos arrabaldes, caça em barda, daquela que dá gôsto abater, já porque é daninha, já pelo pitéu saboroso que proporciona.

Sines tem história. Melhor: fêz História! Nela nasceu

> Vasco da Gama, o forte Capitão
> ....
> De soberbo e de altivo coração
> A quem fortuna sempre favorece
> ....

É êsse o seu maior orgulho e quem lho irá negar?

Lá está o prédio nobre onde entrou neste mundo o 1.º Conde da Vidigueira. É defronte da antiga horta do Barroca. Conta a tradição que, ao passar ao largo de Sines, sempre o Almirante das Índias mandava descarregar as bombardas dos galeões portugueses em homenagem à terra onde nascera.

Para terminar, dir-lhes-emos que esta linda praia é servida pelo ramal de Sines da linha do Vale do Sado e que a estação do Caminho de Ferro dista 100 metros da vila. Também há camioneta que parte, quotidianamente, de Cacilhas.

Sines, que tem 8.000 habitantes, dispõe de serviço postal, telegráfico e telefónico e, além da casa de Vasco da Gama, possui ainda dois outros monumentos nacionais — a igreja de Nossa Senhora de Salas, mandada reconstruir por aquêle navegador, e o Castelo da Vila.

Visitar Sines é, pois, prazer que se recomenda.

MORAES CABRAL

PRAIA DO CARVOEIRO

(Continuação)

E, quando a procissão recolhe e a luz suave e frouxa permite que ainda vejamos êsse maravilhoso estendal de rochas, que em formas estranhas recortam o mar e o separam da terra, sentimos que a Senhora faz mais um milagre: — a Beleza!

Ali, o Ninho do Guincho, marmita de gigante de imponente perfil, parecendo ser o «hidrofiláceo» a que se refere Estácio da Veiga. Mais além, Algar Sêco que lembra a Bôca do Inferno, se não na constituïção geológica, pelo menos no aparato grandioso.

E espalhadas pela linha da costa um sem número de cavernas e grutas abertas pelo mar na rocha.

Quem não fôr afoito e não gostar de brincar ao alpinismo sente uma certa dificuldade em transitar sòzinho por êstes lugares, em que, de repente, damos por nós à beira de um abismo profundo, dos que não perdoam a excessiva curiosidade.

Mas de barco, pode ir-se até às Furnas, entrar nelas, e admirar a arquitectura genial que a Natureza, descuidadamente, ofereceu à pedra.

Há rochedos onde se abrem pórticos quási em ogiva. A água sempre verde e pura é alumiada pela luz coada por frinchas abertas na abóbada natural que a cobre. Os raios de sol reflectem-se no fundo escuro das rochas em arabescos curiosos. Há tons estranhos em roda: — *nuances* de verde, raiadas de anil e castanho.

E os olhos, afeitos já à penumbra, vão descobrindo sempre mais encantos, mais surprêsas.

Na volta, embalados por um ventinho leve, que nos empurra docemente, assistimos enlevados ao desenrolar contínuo e inesquecível, dessa obra prima de areia e rocha, que se chama «Praia do Carvoeiro».

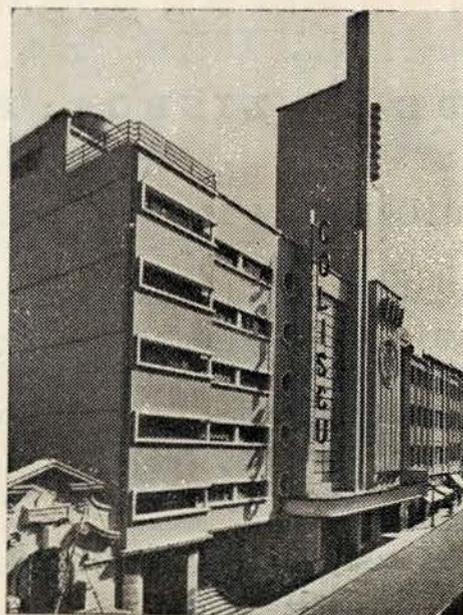
MARIA JOSÉ

OFICINAS
GRÁFICAS

Emprêsa Nacional
de Publicidade

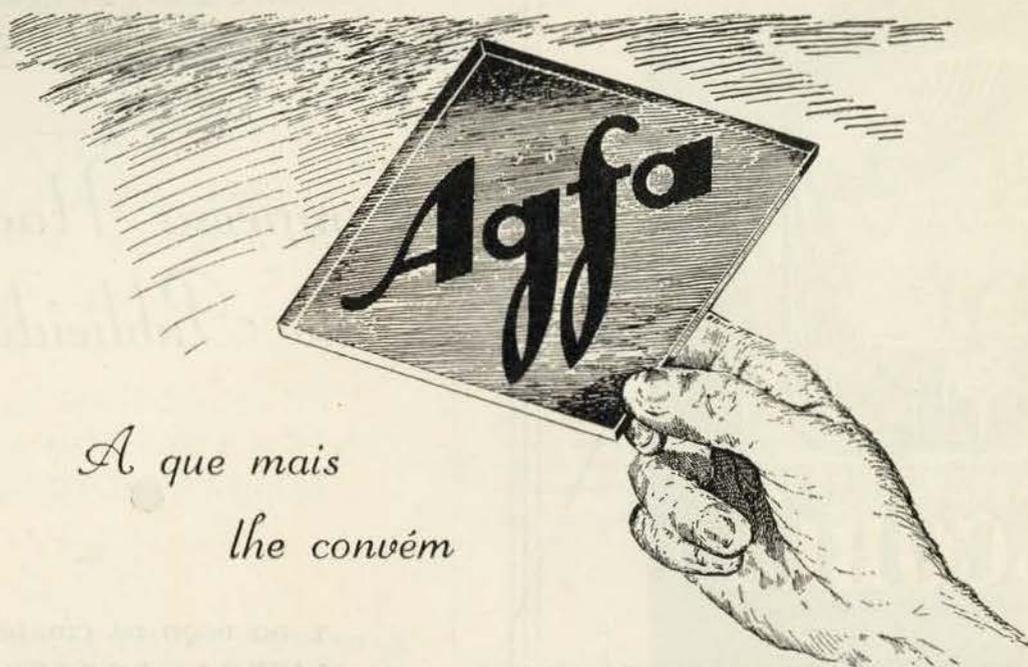
T. DO POÇO DA CIDADE, 26
LISBOA · PORTUGAL

Os cremes de beleza «Semiramis», pela maneira como são preparados, pela pureza das matérias utilizadas na sua constituïção, dão plena garantia de êxito no tratamento racional da pele.

DEPÓSITO GERAL:
RUA EUGÉNIO DOS SANTOS, 27-3.º — LISBOA
TELEFONE 25292

Garantia
COMPANHIA DE SEGUROS
FUNDADA EM 1853

O Coliseu do Pôrto, o mais moderno e amplo salão de espectáculos do País, é propriedade desta Companhia, que também o mandou construir

R. Ferreira Borges, 37 — PÔRTO
P. D. João da Câmara, 11-1.º — LISBOA

MÁQUINAS ★ PELICULAS ★ CHAPAS ★ PAPEIS

Berlim S. O. 36—ALEMANHA

COMPANHIA DO ASSUCAR DE ANGOLA

SEDE EM LISBOA: PRAÇA DO MUNICÍPIO, 32, 1.°

CAPITAL: Esc. 90.000.000$00

ESCRITÓRIOS EM LUANDA: CAIXA POSTAL 47—BENGUELA: CAIXA POSTAL 39

PLANTAÇÕES: (9.500 hectares em cultura).

TENTATIVA (Alto Dande): Cana de açúcar e palmar.

S. FRANCISCO (Dombe Grande): Cana de açúcar e palmar.

SANTA TEREZA (Luacho): Cana de açúcar, palmar e algodão.

MARCO DE CANAVEZES (Membassôco--Cubal): Agave.

FÁBRICAS: Extracção e preparação de:
Açúcar: Dombe Grande – Alto Dande – Matozinhos (Refinaria).
Oleo de palma: Alto Dande – Luacho.
Sisal: Membassôco.
Algodão: Luacho.

GADOS: *Bois:* 2.000 Cabeças.

VIAS FÉRREAS: Linha 200 kms. – Locomotivas 18 – Vagons 950.

PORTOS: (Servidos por 44 embarcações, com a capacidade de 790 toneladas) *Barra do Dande e Cuio.*

ASSISTÊNCIA: 4 hospitais, 3 enfermarias, 3 médicos e 5 enfermeiros.

PESSOAL: Europeus 310, Indígenas 9 000. Com o pessoal europeu habitam nas Fazendas 61 senhoras e 87 crianças.

ORGANIZAÇÃO INTEIRAMENTE PORTUGUESA

RUA DA ROSA, 309-315 · TELEF. 2 6930 · LISBOA

REPRODUÇÕES EM FOTOLITOGRAFIA E LITOGRAFIA PODEM SER CONSIDERADAS COMO VERDADEIRAS OBRAS DE ARTE, DESDE QUE SEJAM FEITAS PELOS PROCESSOS TÉCNICOS QUE SE EVIDENCIAM NOS TRABALHOS DA

*